

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Ana de Castro Osório

Infelizes



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Ana de Castro Osório

Infelizes

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1894.

**Ana de Castro Osório
(1872 – 1935)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 564



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, da escritora portuguesa Ana de Castro Osório: “*Infelizes*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	1
DEZOITO ANOS.....	2
TIO BARREIROS.....	10
SOLTEIRÃO.....	13
HAMLET.....	18
A SENHORA ANGÉLICA.....	20
ALGARVE.....	25
CÚMULO.....	28
A AMA.....	30
ENTARDECER.....	33
BRETAN.....	35
VITÓRIA.....	39
A TERRA.....	42
FREIRAS.....	45
SOMBRAS.....	49

INFELIZES

HISTÓRIAS VIVIDAS



Àqueles que no mundo estimo.

Como nessa noite uma febre intensa me tomasse, uma grande saudade, uma grande piedade, me invadiu o espírito, por todos os tristes, por todos os humildes — os infelizes da terra...

No princípio da doença, quando o corpo começa de sentir o embate grosseiro do mal, que o vencerá; quando o frio nos arrepia a carne, num estremecer sangrento, num espicaçar de venenosas agulhas; vem-nos um profundo egoísmo, um completo esquecimento dos outros. Na contemplação das nossas dores, tudo mais desaparece sem nenhum valor.

Depois, a intensidade da febre espiritualiza-nos, a alma desliga-se do corpo extenuado e sobe a mais alto. O próprio sofrimento se desdobra numa vaga e serena piedade por tudo o que existe, por todos os que choram...

Então, numa dessas horas de sonho e de nítidas recordações, eu lembrei pobres almas inferiores, tristes desvairamentos em grandes espíritos, mágoas inconfessadas — que a minha alma conheceu ou presente nos humildes, nos desprezados...

De alguns me lembrei falar; outros ficaram na piedosa tristeza da minha memória — não porque as suas lágrimas me pareçam menos dignas de serem recolhidas, não porque sejam menos estimados, mas porque quase nada poderia interessar aos outros a repetição dessas singelas histórias de vidas simples, monotonamente iguais pelo sofrimento.

Fantasmas simpáticos ao meu espírito, eles vieram todos rodear o leito, onde, febril, o meu corpo fatigado caía.

A minha cabeça dorida abismava-se num confuso recordar de cousas passadas.

E eles vieram, um a um, mostrar as suas pobres figuras empalidecidas pela distância ou pela morte, num desejo de serem evocados...

Setubal, maio de 96.

DEZOITO ANOS

A tia Clara, essa adorável velhinha que fez há dias cento e quatro anos, teve também os seus dezoito — e por sinal encantadores de frescura e graça.

Mal podemos crer isto, nós que a vemos hoje tão serena, tão identificada com a nossa vida, tão igual a nós pela lucidez do espírito, sempre de uma inteligência e de um interesse perfeitamente juvenil.

Eu adoro essa querida velhinha que não se envolveu nas recordações e remordimentos egoístas como numa antipática couraça eriçada de espinhos.

Não! Ela recorda todo o passado, mas suavemente, sem comparações desfavoráveis para nós, como os velhos impertinentes costumam!... Relembra, levemente melancólica, os tempos longínquos da mocidade, tão distante aos nossos olhos, tão vivos ainda na sua memória.

A sua alma é um piedoso *Campo Santo* habitado pela saudade de todos os seus amigos, de toda a sua família mais próxima, que a um e um a foram deixando na velha casa senhorial, já em parte abandonada de grande que é!... mas o seu coração santíssimo vai florindo sempre jovem, amando com igual afeto todos os que de novo chegam à família...

Ah! Eu não me esqueço, minha boa amiga, da saudade reconhecida que me ficou na alma quando, a última vez que a visitei, a vi afastar-se lentamente na meia obscuridade do longo corredor. Seguia-a um ligeiro esvoaçar de recordações, toadas simples vindas de muito longe— os franceses, guerras, mortes, nascimentos, toda a sua vida singela passada na hereditária quinta perdida entre serras, onde os ecos do mundo devem ter chegado sempre esbatidos em meias tintas pálidas.

Tenho ainda no meu ouvido o som inolvidável da sua vozinha quebrada dizendo serena e sorridente: “assisti às últimas endoenças no convento de Maceira Dão!...” E tudo morto nesse passado cheio de poesia, visto assim de longe, evocado pelo seu espírito bondoso!...

Mas a desvairada fuga aos franceses é que eu, mais do que tudo, gosto de lhe ouvir contar.

— Era uma tarde de fins de setembro, luminosa, quente ainda. O céu, todo em fogo no poente, flamejava num incêndio colossal— toda a alma da Pátria agonizante levantando para Deus a última esperança, no último clarão de tiros ao longe.

“Os franceses, os franceses!...” Esse grito estridente como uivos de animais apavorados corria de boca em boca, era um sinal de fuga, de miséria, de espanto geral.

O povo ignorante e bom voltava para o céu os punhos cerrados numa desesperada ameaça. Abandonado por todos na sua pátria invadida, agarrava-se á terra como à sua única defesa, o seu único amor, a única razão de existir.

As mães uivavam de dor pelos caminhos, torciam os braços convulsos vendo do alto dos montes os filhos que partiam para a guerra. Outras estarreciam-se num silêncio medroso...

Toda a alma portuguesa fremia num anseio de liberdade.

Os reis fugiam desprezivelmente covardes; os ricos ainda por vezes abriam os seus palácios em festa ao passeio triunfal dos invasores; só no povo era sem tréguas o ódio. Ele saberia resistir ou morrer! Miserável povo que sacudiu num ímpeto de revolta olímpica o jugo dos invasores e acurvou a cabeça humilde às exigências dos aliados! Desgraçada gente que não teve a hombridade de receber na ponta das suas baionetas ensanguentadas pelos inimigos os reis que o tinham abandonado nas horas más! Ingênuo povo que todos vão acordar em sobressalto quando o perigo bate à porta e de que todos se riem depois, quando não é já precisa a força do seu braço nem a fúria da sua coragem!...

Também a Fornos de Maceira Dão, a esse cantinho da Beira que parecia dever estar esquecido, guardado pelos matagais e serranias bravas, chegou o desvariado clamor, o tremendo grito:

“Os franceses, os franceses!...” a pôr em fuga toda a família da Clarinha — era assim chamada há oitenta e seis anos a minha boa tia Clara.

Ela era a mais nova das irmãs; fina, graciosa, de uma palidez de reclusa, uma grande curiosidade perfulgindo nos seus olhos castanhos.

Ao saber a notícia o coração pulsou-lhe comovido numa inconfessada alegria... Qual de nós aos dezoito anos não compreenderá essa alegria? Não ter saído nunca do seu vetusto solar— salas e salas, quartos incontáveis, corredores tão compridos que é impossível conhecer quem vem ao fundo!... Os santos da capela doirados e ridentes seriam os seus mais queridos companheiros, aqueles que melhor compreenderiam a sua alma inquieta, sedenta de novo!... Se ela não havia de estar alegre, no fundo, bem no fundo do seu coração, por essa fuga decidida que a ia tirar por algum tempo da monótona vida de todos os dias?!...

Era triste a existência da Clarinha, passada na miserável aldeia de casebres colmados, que rodeiam a quinta dos fidalgos como outrora as choupanas dos servos se encostavam medrosas às fortificações dos castelos feudais. As irmãs, casadas; os irmãos, passando a vida dos fidalgos daquele tempo, caçavam, namoravam as primas de vinte léguas em redor, estafavam cavalos e corriam as feiras.

De quando em quando, pelas festas do ano, cortavam o fastidioso correr da vida cavalgadas que chegavam ao pátio, primos e primas que se apeavam contentes abraçando a Clarinha, que alvoraçada os vinha esperar à porta. Então, dançava-se, passeava-se e, mais do que tudo, comiam-se jantares fenomenais e ceias luculianas.

Mal os hóspedes saíam, a vida regulava-se tediosamente como de costume e apesar da família ser muita, passavam uns pelos outros como sombras na enormidade da casa. Quantas vezes, pelas agonizantes tardes de outono, não atravessou ela a quinta e subindo o outeiro em frente se foi sentar nos degraus do *Santo Cristo*, fantasiando o mundo, sonhando com alguma coisa nova que a fizesse sofrer e viver?!...

Já então, como agora, como será daqui a muitos anos, a imagem do Cristo era ingenuamente feita de uma fealdade que espanta, escondendo-se no seu nicho branco, erguendo na tristeza da paisagem os braços misericordiosos de Deus moribundo perdoando sempre à humanidade que chora.

Como agora também, a Clarinha ouvia pela quebrada das serras os carros chiando carregados com as dornas para os lagares... Os bois olhavam-na pensativos, sacudindo as cabeças filosoficamente, fazendo retinir as campainhas das coleiras de couro que lhes cingem os cachaços robustos... Primitiva e sempre igual a vida passada naquele recanto de natureza agreste.

Que admira pois que a Clarinha ficasse intimamente alegre quando o medo aos franceses a atirou para longe— como um passarito engaiolado a quem de súbito abrissem as portas do cárcere e visse diante de si o luminoso espaço onde à vontade poderia bater as azas!?...

“Os franceses, os franceses!...” Era alguma coisa de vivo, e espirituoso e brilhante, que ela não conhecia, mas que a não assustava.

Nessa tarde luminosa de fins de setembro os cavalos esperavam no pátio desde muito e só a Clarinha, impaciente, estava montada. Toda a família partia: quarenta pessoas, entre velhos, mulheres, crianças e criados — que eram, patriarcalmente, uma continuação menor da família. Os homens válidos, os rapazes, esses lá andavam pela guerra, e bastante invejados pela Clarinha!.. Os

velhos despediam-se chorosos. Arrancavam-se dali como quem tirasse de um peito ainda vivo um coração sangrento. Fugia-lhes a vida em gemidos. Os cedros da quinta tinham para eles a magoada significação dos ciprestes da igreja, onde toda a sua família, desde séculos, ia dormir descansadamente; mais felizes eram esses...

Pela madrugada chegaram a Vizeu. Deserta a pequena cidade, de sombrias e tortuosas ruas. Os cavalos batiam rijamente nas calçadas, pondo em sobressalto os pacíficos habitantes. Abriam-se janelas a medo e caras enfiadas de susto espreitavam inquirindo: seriam os franceses?!...— Não, não eram ainda, mas gente que fugia deles!...— Então sempre era certo; vinham, vinham!...— E as janelas fechavam-se rapidamente como se quisessem espancar assim a visão dos franceses, monstros de pesadelo!

Caminhavam sempre. Em São Pedro do Sul, a mais risonha terra da Beira, um jardim que a natureza cultiva amavelmente entre as rudes serranias beirãs, o mesmo pânico estampado em todos os rostos que entreviam— que raros eram!.. Um deserto que se fazia por toda a parte ao grito terrificante: “*Os franceses, os franceses!...*”

E esse grito de pavor perseguia-os sempre, como dobre a finados para os velhos e medo para as criancitas — que imaginavam o papão formidável e negro levando os meninos nas garras aduncas!.. Só as mulheres, com o espírito mais vivo, mais aventureiro, começavam a achar deliciosa aquela correria louca diante do desconhecido. Para a Clarinha era sempre a mesma ideia:— eles seriam alguma coisa de vivo e espirituoso e brilhante, que ela não conhecia, mas que a não assustava!...

A noite caía muito fria, desse frio seco e cortante da serra. As estrelas brilhavam mais do que nunca, com um nervoso piscar de olhos bonitos... Ela olhava-as, sonhando acordada!— Via um cavaleiro vestido de ouro que levava pela estrada da via láctea todo um povo conquistador e belo... E uma águia enorme, com azas feitas de soes, cobria o mundo numa efabulação de luz!...

Ali tiveram que parar algumas horas. O pequenino irmão da Clarinha, o mais novo da família, a criança que ela amava já com entranhas maternais, ficou-lhe sem vida nos braços, morto quase repentinamente pelo frio e incomodidades da jornada. E esse pequenino corpo que em circunstâncias normais ela teria chorado desesperada, cobrindo-o de beijos, saiu-lhe quase indiferentemente dos braços fatigados. Era a própria mãe que lhe dizia que não chorassem; era preciso fugir, fugir, fugir sempre: “*Os franceses, os franceses!...*” Era a própria mãe, tão extremosa, tão cheia de cuidados por todos, quem dizia aquilo!... Pasmava.

Bem certo é que as grandes dores se fazem pequenas quando não há tempo para as sentir. O medo é um grande consolador.

Ao saírem de São Pedro do Sul, entravam os franceses pelo outro lado. Algum destacamento perdido do grosso do exército, ou talvez esfomeados procurando víveres... Em todo o caso levando o pânico até onde chegava o ruído das suas vozes de comando.

E esse dia passado sem comer, porque apenas tinham levado um pão para cada um, não contando com o deserto em que tudo se encontrava, enervava-os, fazia-lhes alucinações, mal se podiam sustentar sobre os cavalos.

Chegaram à Trapa. Oh, a horrorosa terra!— Casitas negras e baixas, feitas de pedras soltas cobertas de colmo e telha vã, sem janelas nem frestas, uma única porta para dar luz e para a entrada. Mais pareciam tocas de animais selvagens do que habitações de gente, num país civilizado.

O avô da Clarinha, apesar de velho a quase não poder mexer-se, viera deitado num carro de bois até ali; mas então desanimou:— que o deixassem, que o deixassem!.. Morria mais descansado. Os franceses não o descobririam naquela terra inculta que se debruça no abismo das montanhas e nem de longe se distingue da negrura delas; que fugissem, que fugissem depressa!...— E no egoísmo dos grandes perigos ninguém se lembrou de contradizer o velho. Ele era um estorvo na viagem; ficarem todos seria talvez a morte. Só a mãe da Clarinha ficou para acompanhar o sogro, que numa incoercível lágrima de saudade deliu todas as mágoas da sua última hora. Porventura ele revia nesse momento único toda a sua vida passada:— a casa onde nascera e contara morrer, as árvores muito amadas... Festas de família, perfis de parentes mortos havia muito, casamentos, caçadas, pressentimentos de desgraça para os filhos e netos, que andavam na guerra...— Tudo isso se devia confundir, amalgamar, no aturvado ânimo do pobre moribundo.

Os outros continuavam a jornada passando por terreolas abandonadas, de uma desolação infinita. Essa região montanhosa, largamente bosquejada, de uma austeridade de contornos que limita a fantasia, tem sempre uma estranha beleza selvática, que intimida os mais alegres. Então, precipitadamente abandonada pelos seus bisonhos habitantes, devastada pelos fugitivos que passavam em caravanas, em famílias, um a um, como lobos perseguidos, tinha um aspecto quase trágico, macabro como um desenho de Doré, mas para eles tudo era bom, tudo divertia e alegrava na excitação da fuga. Aqui, tinham todos por cama uma casa térrea cheia de palha e de manhã acordavam cobertos com um frio e branco lençol de geadas... Além, comiam feijões cosidos sem nenhum tempero e pão de cevada negro e pegajoso como o

pez... E tudo suportavam alegremente no egoísmo brutal e profundamente humano — de viver e ter saúde.

Tias e primas da Clarinha, velhas senhoras habituadas à doce paz do chazinho conventual, suspiravam, lamentavam-se muito por o não terem tomado havia uns poucos de dias! Afirmavam— que antes queriam ficar sem pão. Deu-se volta aos alforjes e numa algazarra cheia de alegria cada um apareceu triunfante com sua coisa, que na precipitação da última hora ali tinha metido sem saber para quê, sem mais se lembrar de tal. Havia chá, açúcar e água, até xícaras apareceram; mas onde a xaleira?.. Todos os olhos se dirigiram para a panela de barro negro onde se tinha cosido o caldo... Era a única coisa que havia e essa mesmo serviu; sem que ninguém se lembrasse de aventar repugnâncias... E por essa noite frigidíssima de fins de setembro, numa casita negra esburacada, perdida entre serras e matas, elas tomaram o seu chazinho quente, que teve um sabor particular— nada bom a dizer a verdade— mas que lhes lembrou toda a vida.

Pela serra da Gralheira fora era um nunca acabar de risos e gritos alegres, quando um caía do cavalo, quando outro escorregava, e principalmente com as histórias do guia, o padre *Manuel da Trapa*. Era um bom homem rústico, folgazão e falador como poucos, um montanhês às direitas, português velho. Desprezava os franceses; não chegava mesmo a acreditar neles. Por sua vontade tinham ficado todos na *residência* e os tais franceses que aparecessem!...

Súbito, interrompendo uma história que ele ia contando aos da frente, um grito saiu dilacerante de uma boca contorcida. Todos pararam ansiosos, voltando a cabeça para traz. Aquele grito tinha vindo tão do fundo d'alma, revelava uma tal acuidade de sofrer, que a todos fez pulsar o coração pensando em que alguém tivesse rebolado pela montanha abaixo despedaçando as carnes pelos fraguados! Não era isso, mas um sofrimento maior ainda, que gritava assim desesperado:— uma tia da Clarinha saltara do cavalo e, pálida de morte, estorcia-se no mais pavoroso inferno de dores! Estava grávida no último período e todas aquelas comoções e sustos tinham apressado a crise. Que fazer? Olhavam-se todos aterrorizados, indecisos... Impossível parar naquele descampado, seria matá-la... E os franceses!?

“Com trezentos diabos, isto não pode ser assim!”— gritava furioso o padre Manuel, sem nenhuma atenção nem sombra de delicadeza pelo sofrimento cruelíssimo da pobre mulher. Com uma voz que ele se esforçava por tornar ainda mais rude do que naturalmente era — para disfarçar o diabo de um nó que se lhe pusera na garganta, explicava ele depois — mandou que lhe dessem a senhora que ele a levaria diante de si. A boa égua podia com tudo e depois —

que diabo, já estavam perto da estalagem das Maçarocas, no caminho do Porto, bem conhecida por aquelas redondezas.

E lá continuaram a marcha, agora tristemente acompanhada pelos gemidos da infeliz criatura, que sofria cada vez mais.

Chegaram enfim a Carregal de Monhoce, uma insignificante aldeia quase desconhecida de todo. Em frente era o Bussaco; sentiam-se tiros ao longe; o que iria por lá?..

“*Os franceses, os franceses!...*” E a Clarinha, pondo os olhos na linha arroxeadada e muito nítida da montanha fronteira, pensava neles... Nunca os vira mas sonhara sempre com alguma coisa de extraordinário e cintilante, que a não assustava no fim de contas!...

Terminada a guerra, tornaram pacificamente para a grande casa, que ela encontrou ainda mais sombriamente solitária. Muitos faltaram à chamada, no primeiro repasto de expatriados que reviam o seu lar bem amado!...

E a Clarinha lá continuou a sua vida, a mesma, sempre cortada pelos mesmos incidentes de visitas e festas.

O Santo Cristo era, como hoje é também para nós, o seu passeio favorito nas tardes melancólicas de outono — estação de tristezas e desalentos, que morre lentamente em cada folha que se desprende das árvores, lágrimas silenciosas da natureza, que em breve será de luto, quando o inverno vier implacável... Em frente, a verde cortina dos pinheiros mansos esconde o antigo convento de Maceira Dão. Triste, bem triste, é hoje esse convento em ruínas onde a erva cresce em liberdade, atravessado por todos os ventos, por todas as chuvas; é quase um milagre estar ainda em pé! Nesses tempos, que tão remotos nos parecem já, como ele devia ser bonito! E a tia Clara, sentada nos degraus da capelinha, ouvia com um doloroso confranger de coração a austeridade do bronze chamando ao coro os bons frades cistercienses.

Aquele som lacrimoso devia repercutir-se de serra em serra como um soluçar de penitência. Como ia longe, a tarde luminosa de fins de setembro, quando o grito “*Os franceses, os franceses!...*” afugentou e confundiu tudo!...

Mais tarde houve ainda um rasgão de luz na sua vida monótona: um novo clamor de guerra punha as almas em sobressalto. O grito de *liberdade* foi um rastilho de fogo que incendiou todas as cabeças. Os frades fugiram; os irmãos, os homens da família, foram todos combater por D. Miguel. Quando ele foi expulso, quando a guerra acabou tão frouxamente que a esperança continuou por largos anos no ânimo dos legitimistas, os irmãos da tia Clara recolheram à

velha casa de província onde por muito tempo ainda se reuniram todos os fiéis partidários do rei absoluto que viviam nas Beiras e Traz-os-Montes.

Depois, tudo foi passando...

A morte e a vida vieram de mãos dadas terminar muita esperança, muita alegria, como enxugar muitas lágrimas com novas felicidades!... Na memória dulcíssima da nossa adorável velhinha é que tudo vive intato. Principalmente os longínquos fatos da sua mocidade, e, entre eles, essa aventurosa fuga aos franceses — o que eu mais gosto de lhe ouvir contar.

Recorda a com tantas particularidades, com tal clareza de incidentes, que me enche de admiração. Coisas passadas há menos tempo não as recorda ela tão nitidamente! Lembra o sinal vincado com a unha na passagem mais interessante de um romance e que de folha para folha se vai conhecendo menos até desaparecer de todo.

Um dia perguntei-lhe também: “Tia Clara, que há de verdade no “Retrato de Ricardina”, naquele romance de Camilo passado aqui tão perto?!...”

“Alguma coisa ha!... Bem tristes tempos eram esses!...” E a sua venerável cabeça branca inclinou-se umas poucas de vezes numa recordação que lamentava ainda — lágrimas vistas correr há muitos anos e nunca esquecidas!..

TIO BARREIROS

O tio Barreiros:— Ora os senhores vão imaginar talvez que eu tenho para lhes contar a história de algum tio ilustre, muito respeitável na sua gravidade de conselheiro... Ou ainda de algum general com o peito cheio de condecorações, fartos bigodes brancos, respirando nobreza e altivez... Nada disso. Era um simples e humilde criado de lavoura, de cara rapada, com uns olhos de um azul luminoso, o *tio* Antônio Barreiros.

Encantador o costume patriarcal de viverem as crianças com antigos criados, quase da família, que elas se acostumam a amar sem o respeito que enfastia, mas também sem a desagradável autoridade sobre essas velhas cabeças embranquecidas, sempre inclinadas para os mais pequeninos, os últimos...

Por isso, o tio Barreiros é uma das figuras mais simpáticas que na minha memória sorri.

Para criado de lavoura entrou ele em casa, já velho; pouco podia, o pobresito! Muito corcovado, o fato de saragoça grosseira, o chapéu braguês um pau na mão — quase nos pareceu um mendigo.

Mas não; tinha seus brios o tio Antônio. Trabalhava como um rapaz; rejuvenescia, coitado!

Um risonho ar filosófico dava-lhe à face uma certa finura aristocrática. E contava-nos:— “Que eu, meninos, dizem que sou filho do *Deão de Decermilo*. Mas que monta?... Fui pastor em rapazelho; depois entrei para criado dos fidalgos de S. Tiago e por lá estive até que me casei. Bons tempos, bons tempos!...”

— “E depois, tio Barreiros?”

Uma lágrima diluía-se no azul dos seus olhos finos.

— “Depois, depois... A mulher morreu para ali, negrinha das bexigas, que foi uma dor d'alma!”

—...“A rapariga, essa... Já depois de grande, um dia morreu também, que nem eu sei de quê!... Agora, a minha família são os meninos, cá esta casa. Isto é como se fosse meu, pela amizade que lhes criei...”

A nota melancólica da conversa desaparecia por completo do nosso espírito para só avultar aquela estranha palavra:— *Deão!*— Que seria aquilo?... Talvez uma coisa escarlate franjada a ouro, como os *guiões*, que levavam uns pobres homens derreados, na procissão do *Corpo de Deus!*

E o velho Barreiros, com tal probabilidade de pai, avultava aos nossos olhos prodigiosamente, tornava-se quase divino, num hierático esplendor de festa religiosa.

Por fim, o pobre velho já não se atrevia a sair às propriedades de fora — honestamente pediu que lhe baixassem a soldada, que ele ficava só para tratar da horta. E às tardes, naqueles poentes tristíssimos das regiões montanhosas, nós passeávamos sob a parreira da horta: ele de sacho na mão, parando de quando em quando a apanhar uma folha velha das enormes couves, que só ele fazia crescer espantosamente. Nunca mais vi couves assim! Talvez por ser eu muito pequena, tudo me parecesse grande; talvez porque o tio Barreiros tivesse receita especial para as fazer crescer!... — “Que isto, meninos, as criadas não devem pôr mão na horta. Uma desgraça, deceparam tudo, uma estragação!”

Claro; nós éramos sempre pelo velho contra elas.

— “Lá em casa dos fidalgos, havia couves ainda mais altas do que estas!...” —

— “Mais altas, tio Barreiros?!...”

Que grande coisa ser fidalgo! — pensava. Até a horta se ressentia de tamanha altura heráldica!

Ah tio Barreiros, tio Barreiros, que loucuras risonhas nos metia na cabeça a vossa bastardia fidalga! Que saudades, meu amigo!...

Uma vez — há quanto tempo isso vai! — mal começava a aprender a ler, por premio assinaram-me um jornal, que devia vir diretamente para mim.

Esperava numa febre a chegada do carteiro; e nada do jornal aparecer, para o meu nome, como eu sonhava noite e dia!... Desabafava com o tio Antônio, aquilo parecia-nos história... — “Mas o papá pagou isso, menina?”

— “Pagou, tio Antônio, para vir para o meu nome.”

— “Pois olhe que foi no que ele andou mal. Nunca fiar!...”

E lá esperávamos, consternados, mais vinte e quatro horas. Mas um dia soube-se: — o jornal tinha vindo logo, mas, como eu tivesse numa terra próxima uma tia com o mesmo nome, os empregados do correio vá de lh'o remeterem. Eu, muito queixosa, fui ter com o Barreiros ao quintal. Ele indignou-se:

— “Vou já lá de caminho. Não, que uma coisa assim!... Nem que a minha ama nova não soubesse já ler, não fosse capaz de ter um jornal!” Era uma injúria para nós ambos. E eu ficava consolada, vendo-o atravessar o pátio, seguido das

galinhas, galos, perus, marrecos, com o ganso pai à frente— o Caitano — como lhe chamávamos.

E ele lá ia com toda a pressa que as suas velhas pernas lhe permitiam— um casaco que lhe tinham dado, arrastando na frente e muito curto atrás, tão dobrado andava ele, o pobresito, a pender para a terra!..

E o caso é que fez um discurso no correio. Mas por fim discutimos:— “Menina, o melhor é mudar de nome. Olhe que há de haver sempre enganos!”

E esta coisa de haver enganos — tocou-me. Toda a vida a não receber os meus jornais...

— “Pois está dito, tio Antônio! É o melhor.” E assim foi.

Mas o velho começou a enfraquecer. De dia para dia o corpo se lhe dobrava mais para a cova. Já pouco comia, sustentava-se de vinho e marmelada, nada mais.

E num inverno muito rude, em que a neve caiu mais a miúdo e de manhã a água dos tanques aparecia gelada — o tio Antônio Barreiros apanhou uma tossita; levantava-se tarde, já não ia com o sacho para a horta...

Sentíamos que o seu espírito, risonhamente infantil, já andava longe, num meio sonho, quase desligado da terra...

Falava na mulher, falava na filha, com uma grande serenidade e um redobramento de afeto — como quem pensava em as encontrar breve. Depois olhava-nos com uma tal saudade...

E numa fria manhã de inverno, voltado para a parede, embrulhado na manta de riscas, ele apareceu serenamente adormecido para sempre. A sua boca irônica eternamente risonha; fechados os olhos azuis de uma graça aristocrática... O seu perfil acentuado, desenhava-se muito nítido na brancura da parede. As glicínias, despidas de folhas, metiam os braços hirtos pela abertura da janela, numa última despedida ao velho amigo que as tinha plantado... E ele dormindo na manhã brumosa, sem responder ao nosso chamamento!...

E que falta ele fazia, à noite, na ceia dos criados, contando histórias, oh! lindas histórias de feiticeiras e lobisomens — de que o velho se ria, um pouquinho cético, vamos lá!...— Guerras que ele vira, dramas de família a que tinha assistido, trovadas no meio da serra a quando pastor... Ah! tudo isso nos fazia muita falta, muita falta!... E nunca mais nós esqueceremos o tio Barreiros, dormindo sossegadamente junto dos patrões, que primeiro nos tinham deixado.

SOLTEIRÃO

A inesperada morte do velho doutor Mendes fez-me volver os olhos um bom par de anos atrás — a quando criancita gulosa lá ia ver passar as procissões e beber a minha xícara de leite com sopas de biscoitos caseiros.

Essa morte rastejou-me na alma uma pequena sombra de melancolia, não que eu amasse muito esse velho nem que a sua falta seja desventura para alguém,— mas é que os sinos, dobrando numa pardacenta tarde de fevereiro, são de uma tamanha tristeza!...

Com uma persistência dolorosa de choro, as badaladas sucediam-se atirando para o espaço os seus pesados lamentos — únicos que acompanharam o doutor Mendes na sua primeira noite d'além.

Morreu, pobre velho inútil, despertando apenas a irônica piedade que inspiram aqueles cuja alma subalternizada não soube criar uma família nem chegou à consciente bondade dos fortes.

Ninguém o estimava já. Outrora havia inspirado medo como mandão de aldeia; diziam-no vingativo e cruel nos tempos áureos do seu poderio... Por fim, esse poder era uma triste caricatura.

...Porque — eu ainda lhes não disse?— fazem-me tristeza as caricaturas. D. Quixote é para mim mais comovente do que Jocelin.

Em novo fora o doutor Mendes um feliz conquistador de criadas e caseiras, que olhavam agora para os filhos grosseiros e brutais, encarquilhando os olhos cúpidos, julgando-os possíveis herdeiros da bela fortuna do velho. Tudo podia ser; se ele não tinha herdeiros forçados!

E lá ia vivendo, certo em todas as festas, imaginando-se imponente à força de tesura, o bigode branco cortado em escova, a calva luzidia, a face sanguínea. Dava realce às festas — diziam rindo chocarreiramente aqueles que lhe tinham tirado o bastão de comando, deixando-o, mono de palha, para a imposturice da *figura*.

Estou a vê-lo, o senhor doutor, com a sua casaca pré-histórica, lustrosa, de um feitio único; o lenço de Alcobaça, azul escuro, com pintinhas brancas, a sair dos bolsos; cumprimentando receoso, estendendo apenas dois dedos gordos e vermelhos; soprando contente a cada palavra...

Levava a umbela em todas as procissões e na minha poderosa imaginativa infantil aquilo engrandecia-o a tal ponto que o revia no céu acompanhando as almas purificadas ante o trono de ouro do Padre Eterno.

Se caiu de tão alto no meu conceito, não foi dele a culpa, que impassível continuou ele a sua vida quase hierática entre o incenso dos turíbulos e o cheiro fresco do rosmaninho — eu é que mudei, infelizmente!

Porque não detemos nós a vida; porque não conservamos o nosso espírito na meia alucinação doce da infância? Se vale a pena isto!... Andar a primeira parte da vida a construir altares, a enramalhetá-los, a venerá-los com todo o nosso entusiasmo; gastar outro tanto tempo a destruí-los; e o resto da vida passar a chorá-los! Não, não acho que vá bem assim o mundo! Ou as crianças têm que nascer com a sabedoria dos velhos ou os velhos ficarem com a ingenuidade das crianças. Quanta tristeza se pouparia a certos espíritos por demais vibráteis!... Assim, eu escusava de sofrer vendo a pobre cabeça do velho doutor Mendes, que diziam inteligente, ser agora uma coisa estéril e oca.

O seu risito infantil, em *hi, hi, hi*, como dava uma prova dos frágeis juízos humanos! E tinha sido terrível em vinganças do tempo dos Cabrais, ele que hoje fazia rir as crianças!

A rodear o idoso doutor Mendes fazia-se uma atmosfera de coisas envelhecidas e desbotadas. A sala de recepção — forrada a panos de *Arrhas*, com ingênuas cenas da Bíblia, onde as cores já murchas se confundiam e empalideciam suavemente a dar um tom uniforme à filha dos Faraós salvando um esperto Moisés e ao seu terrível pai afogando-se nas justiceiras águas do Mar Vermelho — abria-se lá pelas festas às raras visitas. Impunha respeito com os seus tetos altos, o delgado friso doirado a dividir os panos, as suas doze cadeiras formadas aos lados do sofá incomodo como um potro inquisitorial, o indispensável tremó e espelho a encimá-lo.

Logo ao entrar no pátio, à noite sempre iluminado esperando problemáticas visitas, uma gélida impressão de silêncio nos envolvia. Subia-se meio receoso a escadaria de pedra, a abrir-se nobremente em dois lanços, como um velho amigo que nos recebe de braços abertos. Essas belíssimas escadas das casas antigas, que dão bem a nota carinhosa do nosso gosto pela hospitalidade, eram mais uma frisante ironia naquele interior fechado, esquecido, só de longe em longe visitado por indiferentes.

Entrava-se a medo na sombria casa e esperava-se, em silêncio, que os donos aparecessem. Passado um tempo, que nos parecia infindável, vinham, as quatro manas — miudinhas, desbotadas elas também, muito parecidas umas com as outras, falando baixo, repetindo todas o que dizia a mais nova,

sentenciosamente, a modos de oráculo. Muito devotas, um grande respeito pelo mano doutor, elas lá iam todos os domingos, em carreirinho de formigas, à missa pacata da freguesia. Muito velhitas, com antigos enfeites na cabeça, vestidos de seda passados de modas há tempos imemoriais, lencinhos de renda no pescoço, restos de antiga garridice, cheirando a alfazema e a cânfora.

Como isto vai longe, perdido no montão de saudades que me enchem a memória; e como eu sinto ainda toda a impressão de poeirento, de velhez, que me tomava toda quando as ia visitar cerimoniosamente!

Porque o tempo já ia longe em que a minha inconsciente criancice ousava penetrar sem receio naquele túmulo. O tempo das procissões e do leite frio passara com a minha primeira infância e com as passeatas à igreja para ver as mudanças de *toilettes* que Nossa Senhora sofria de cada vez que a passeavam procissional e dolorida.

E ainda hoje elas coram e baixam os olhos admirando a imoralidade que vai por esse mundo.— *“Tudo perdido, tudo perdido, manas...”*— dizia a mais nova, fechando os olhos a cada palavra.— *“É verdade, é verdade, é verdade...”*— respondiam as três a um tempo.— *“Ainda bem que o mano não quis casar!... Nem nós também, que fomos bastante pretendidas!...”*— *“É verdade, é verdade, é verdade!”*— fazia o coro.— *“Que modas, santo Deus! Os homens cruzam a perna diante das senhoras e apertam as mãos!! Que gente, que imoralidade!...”*— E as outras abanavam a cabeça afirmativamente, enquanto o doutor Mendes, à janela, lia a *Nação*, escondendo das boas irmãs um sorriso velhaco.

E foi ele, tão corado e gorducho, o primeiro a morrer.

A sua morte dera brado. Murmurava-se: *“Afiml não fizera testamento? Pudera! Até na morte fazia partida. Fora sempre assim.”*— E lá iam seguindo o enterro, bocejantes, sem nenhuma pena, maçados. Enterro de indiferentes que nenhum respeito contêm no seu aborrecimento.

As pobres irmãs, mirraditas, gemiam frouxos lamentos. Tão velhinhas, tão longe deste mundo — nem gritos já tinham para se lamentar. Era um correr de lágrimas, sem soluços nem febre, um resignado sofrer de pálidos fantasmas.

Por suprema ironia das coisas humanas, até o enterro foi causa de riso. Do antigo mandão de aldeia, que inspirara medo e profundos ódios, apenas restava esse corpo inerte deitado numa eça branca, com a fita do caixão risonhamente branca. Se ele fosse vivo como a levaria imperturbável!...

Mas os sinos lá ao longe tangiam mágoas, que se iam alastrando como nodoa de azeite na pardacenta tarde de um fevereiro triste.

Como é enervante pensar na vida assim, sem interesse pelos outros, sem nenhum grande afeto que nos chore bem alto, a fazer calar todos os risos!...

Nessa paisagem, paralisada pelo inverno, só eu parecia viver— campos de vinha estorcendo os braços esqueléticos, pinhais muito graves no seu eterno verde, o riacho a correr ao fundo do vale, e como gigantesca parede as serras violeta, escarpadas e selvagens... Ao fundo, vaporizando-se no poente, as torres alvas das igrejas lançavam pelo espaço o seu lamentoso dobre: *dão!... dão!... dão!...*

Uma grande amargura me afogava a alma, vinda dessa paisagem desolada, desse cair da tarde sombria, da lembrança de morte que flutuava no ar— de qualquer coisa enfim que me segredava desalentos e angústias...

A chuva começou de cair miudinha, sem ruído, para o fim da tarde... Que desagradável noite essa primeira que o velho doutor Mendes passou solitário no seu túmulo, guardado pelas sentinelas esguias dos ciprestes!

HAMLET

Quem o via, embrulhado em flanelas, apoiando-se a um grosso bambu, sorumbático, fugindo a todo o convívio, aparecendo só de longe com a mulher e filhitos, procurando as estradas desertas para passear, tudo sujeitando à higiene,— decerto nunca imaginaria que a sua lúcida inteligência de subtil penetração e réplica pronta nas mais intrincadas questões cairia naquele fantasmagórico sonho de grandezas, que o levou à cela de um hospital de alienados.

Jurisconsulto erudito, advogado eloquente e cuidadoso, tinha sempre que fazer; mas são poucos os lucros numa terra onde a propriedade está acumulada em meia dúzia de felizes e só os pobres se metem com *justiças*.

Vivia modestamente, num grande orgulho de trabalhador. Não queria favores de ninguém. Se tivesse muito, muito daria; pedir, nunca!...

E, súbito, de volta de uma estação d'águas, eis que ele muda completamente. Luxo, passeios, viagens, projetos de compras, tantos e tais, descritos com tal aparência de lógica, com tão ardente entusiasmo de frase, que chegava — não a convencer-nos da realidade de tais sonhos, mas a fazer nos viver na alucinante miragem em que o seu espírito se perdia.

Depois que, no regresso da vilegiatura, vira representar o *Hamlet*, apaixonara-se pela loira e ideal Ofélia, por essa pálida figura tão intensamente dramática na sua passividade de amorosa, tão angelicamente resignada e feminino, que é já uma forma palpável do ideal... Verdadeiras e dignas de piedade as suas lágrimas — simbolizando todas as que no mundo têm vertido olhos de tristes desprezados.

E o simpático doutor, um bom, um sincero, um sentimental, apaixonara-se por essa irmã da sua alma, que vai desfolhando as néveas flores do seu doce amor, cedo queimado pela ingratidão.

A crueza de Hamlet resgatou-a ele, levantando no seu coração de romântico um templo auriluzente onde a incensava com a mirra do seu talento, que a loucura, parece, exacerbava, requintara, fazendo-o subir às etéreas regiões onde as mais sólidas cabeças sentem vertigens!...

Todas as mulheres passaram a ser para ele suaves Ofélias; nelas via a amada, o seu puro ideal; adorava-as como se essa adoração fosse ainda uma homenagem rendida à dama dos seus pensamentos — alma de cavaleiro trovadoresco, vencendo enfim a gélida couraça da materialidade burguesa.

A medicina, o amor e o delírio das grandezas eram as suas ideias fixas. E então — vendo uma loira e anêmica rapariga de silencioso porte, obrigava-a a beber águas de Vidago e gritava com grandes braçadas entusiastas: “beba, beba, que eu hei de fazer de um pastel de nata um pastel de carne!...” Logo respondia irado a um primo, que, por troça, aconselhava uns tamancos e passeios pelas serras como remédio mais eficaz: “falou o livro Caixa!... Uma estrela de tamancos!... É uma blasfêmia sideral!...”

Tinha agudezas de ditos que nos punham em dúvidas. Doido?!... Se isso podia ser, falando ele tão prodigiosamente bem, encontrando com tanta facilidade a memória da sua juventude!

A sua palavra quente, de uma fluência correntia e de um enternecimento tão sincero que pelas lágrimas tinha arrancado muito perdão aos jurados comovidos — tomara um tom de inspirado, quase profético!

Doido, doido!?!... E que seríamos nós, que o não compreendíamos? A imperceptível linha que separa o juízo da loucura tremia diante da nossa dúvida.

Os seus pobres nervos exacerbados estalavam em ditos faiscantes, desfaziam-se em lágrimas, espalhavam o seu imenso talento em estilhaços — e apesar disso tão brilhante!— como aerólitos, atravessando a deprimente vida provinciana. Fazia-nos uma atmosfera de sonho, de desvairamento e de exotismo; que a terriola já parecia — *una casa de locos sin locura!*...

Ele, que só por muito favor pegava dantes no violão, recordava agora todas as antigas músicas com uma revivescência da sua vida boêmia de estudante. Cantava, com a mesma alegria da mocidade, a triunfal recita do quinto ano.

Fazia pena ver o pobre violão dobrar-se todo para gemer trechos de música já passados de moda há mais de vinte anos. E mais pena ainda vê-lo tão alegre, dessa alegria que tanta vontade de chorar nos causa!

la ao cemitério conversar com a mãe— afirmava. Narrava, em voz estrangulada, extraordinárias coisas que, parece, ela lhe dizia baixinho... Essa familiaridade com o desconhecido fazia errar em torno de nós as sombras dos bons mortos... uma névoa revolvente de estranhos sonhos...

Que as cabeças não andavam lá muito seguras, não!...

Quando o levaram para o hospital, despediu-se radiante— certo de que ia ser o diretor, projetando grandes reformas e esperando encontrar lá a sua pálida Ofélia, absorvida num delicioso sonho feito de sorrisos de noivos e de Amélias idas na corrente de luar...

Com os seus cabelos flutuantes, as suas mãos translúcidas desfolhando flores, arrastando as alvinhentas vestes — ela o aguardava...

Assim se extinguiu aquele brilhantíssimo espírito! Assim ficou silenciosa aquela eloquentíssima voz, que fazia repuxar lágrimas aos olhos dos mais ferozes julgadores! Assim morreu aquele coração de românticos arrebatamentos, naufragando na banalidade última da vida material!

A SENHORA ANGÉLICA

A senhora Angélica forneira era a cara mais fenomenalmente feia que eu tenho visto — e verei. Espero esse favor de Deus Nosso Senhor, que nos fez à sua imagem e semelhança...

Eu nem sei explicar aquela máscara de gente! Não se pode mesmo compreender como a face humana perde assim toda a forma macia de carne e se torna enrugada e musgosa como um velho carvalho — que vai morrendo aos pedaços e que todas as primaveras enverdece menos, lá para o cimo dos ramos.

Pois, apesar da horrível fealdade da senhora Angélica, ela resumiu para mim, durante a minha infância, um mundo de sonhos e fantásticas imaginações.

Mal a via assomar ao cimo do largo; a saia de riscado curta a mostrar um começo de pernas gretadas e uns pés enormes, deformados e sujos; saracoteando-se desgraciosa com o tabuleiro de broa cozida à cabeça; corria logo à cozinha para lhe ouvir recontar pela milésima vez o estranho caso.

E se disséssemos ainda que ela sabia muitas histórias! Não, era só uma... Mas essa única, verdadeira, acidentada de peripécias, era de efeito. Enchia-me a cabeça e dava até assunto para um grande romance rocambolesco.

Todas as semanas, quando a velha trazia a fornada de pão de milho para os criados, os três alqueires do costume, era certo eu lá estar na cozinha à espera dela. Fazia-me muito amável; pedia o meu bolo; mastigava fastienta em pequenas dentadas de coelho esse pão grosseiríssimo, sabendo a farinha crua, adocicado e peganhento, ao qual nunca o amor à terra natal me pôde habituar.

A velha ria parvamente, metia com as negras mãos encarquilhadas o cabelo frisado, de um branco sujo, para dentro do lenço de chita, e contava sempre a mesma coisa, dita com as mesmas palavras, com uma precisão de fonógrafo. O bastante porém para fermento da minha fantasia.

Era no tempo em que os rapazes de um certo nome imitavam, com mais ou menos parecença e espírito, as extravagâncias do conde de Vimioso.

Por moda, por *chic* e muito por gosto também, faziam sociedade com os ciganos sem eira nem beira, embriagavam-se pelas tabernas, vestiam-se de fadistas e pouco ou nada se distinguiam deles, moral e intelectualmente. Aquilo que no Vimioso era um artístico grãozinho de loucura, nos outros não passava de uma ridícula imitação, muito grosseira até.

Como houvesse lá na terra um destes esperançosos moços — também conde, por sinal— os ciganos passavam frequentemente por ali e assentavam arraiais mesmo no interior da vila.

À noite as barracas iluminavam-se, deixando entrever, num clarão de mágica, os finos perfis das *gitanitas* de cabelo negro e olhar mortífero, envoltas em flamantes trajos; os acobreados ciganos vestidos de gala, jaqueta curta com alamares de prata; e ao fundo, acoradas num espasmo de profunda estupidez, velhas repelentes, cobertas de trapos sujos, fumando por cachimbos de barro.

As forjas onde concertavam caldeiras, tachos, bacias, toda a bateria de cobre da gente da vila e arredores, abriam-se num crepitar incandescente, mostravam boqueirões de fogo a lembrar infernos dantescos.

As mulheres vendiam panos, lenços, contas, tudo que podia seduzir a garridice feminina das boçais aldeãs. Eles eram soberbos! O verdadeiro *zingaro*, com ares de *grande* de Espanha e *condotiére* italiano; vendendo e trocando cavalos, experimentando-os em correrias pelo largo sem árvores, com uma maestria e uma elegância de *gaúchos*.

Nada tinham dos miseráveis ciganos que atravessam os campos, melancólicos, seguindo-nos numa guincharia lamurienta, acompanhada pelos urros dos pobres ursos espancados e famintos e pelos intoleráveis macacos com os seus gritos de convulsionar os nervos... Perseguidos pelas autoridades e pelo ódio do povo, que encontra sempre para contar arrepiantes histórias dos vagabundos — crianças dadas a comer aos animais, colheitas devastadas, roubos...— esgueiram-se logo, passam de largo pelos povoados, com a falsa humildade dos cães batidos.

Nesse dia tratava-se de um casamento e o arraial estava em grande animação. O conde era o padrinho; mandara para lá vinho a rodos e levava convidados. Prometia ser luzida, falada por muitos anos, a festa.

Os beirões, de cabeça dura, enraizados na terra como pinheiros selvagens, olhavam, com um misto de espanto e de desprezo, para esses eternos vadios, instáveis como a areia do deserto. Alguns, mais entendidos, contavam o que aquilo era:— Nada de padre, nem de pregões, nem de igreja! Quebrava-se uma bilha e ficariam juntos tantos anos, quantos os cacos em que ela se fizera.— Horrores!... E as velhas benziavam-se, assustadas.— Credo, Santo nome de Jesus! E viviam assim! Criaturas que nem eram de Deus!... E o sr. conde metido com

aquela gente! Oxalá a mãe não andasse aos tombos no outro mundo pela estragação de mimos em que o criara!...”

A senhora Angélica forneira, nesse tempo era ainda uma rapariga, casada de pouco com o seu Joaquim, que sempre fora bom homem, isso é verdade! Amigo da *pinguita*, por isso não juntaram vintém; morrendo porque ela lhe levasse pontas de cigarro para se entreter lá pelo forno; mas bom homem, no fim de contas, bom homem. Se lhe batia às vezes, era por amor— claro!...

Nesse dia, como toda a gente da terra, embasbacava-se a sr.^a Angélica diante do acampamento em festa. Como se adiantasse mais, curiosa de ver a noiva, depois de ter admirado a gentil figura do noivo, chegou-se a ela uma rapariga, a sair da infância, de uma brancura de pele, de uma cor de cabelo, de uma reserva de maneiras que acusava uma raça bem diferente. Aproximou-se com o disfarce ondulante do gato, que quer fugir sem ser visto pelo dono; puxou-lhe pela saia e murmurou-lhe ao ouvido:— que a levasse dali, tinha uma coisa importante a dizer...

A senhora Angélica, que tinha todas as virtudes femininas, excedia quase o seu sexo na curiosidade. Como pôde lá se meteu com a rapariga por entre o povo, sem que nem dentro nem fora do acampamento dessem por isso, e levou-a para o cimo da vila onde ninguém estava aquela hora.

Imaginem o espanto da pobre mulher, quando a pequena se agarra a ela a chorar:— que a escondesse, que ela não era cigana! Tinha sido roubada lá muito longe, numa povoação da raia. Seus pais eram ricos — o que eles a não teriam chorado e procurado por toda a parte!... Havia dois anos que andava com os ciganos pelo mundo, sem ter podido fugir! Era raro que eles acampassem em povoado e quando assim acontecia não a perdiam de vista nem uma hora. Nesse dia a festa do casamento, com a assistência do conde, pusera tudo em confusão e ela pudera escapar-se numa aberta. Que a não abandonasse, a senhora Angélica!...— O que lhe fazia mais horror era o seu próximo casamento com um dos mais lindos rapazes da tribo! Dois anos a viver com aquela gente e ainda não pudera vencer a repugnância que a afastava dele cada dia mais! A inferioridade de raça enchia-a de um instintivo tédio, quase aversão, por esse sadio rapaz que a escolhera, sem dúvida o mais amado das outras raparigas.

A senhora Angélica era mulher de expediente. Consolou-a como pôde e levou-a a um sítio isolado, um cabeço árido, cemitério dos velhos cavalos lazarentos que os corvos veem comer deixando os ossos a branquejar ao sol, tristemente apertado entre pinhais, onde só ela conhecia uma gruta formada pelos rochedos sobrepostos — que decerto era a *Cova da Moira*.

É que uma vez, ainda em solteira, fora para ali ao mato e descobrira a caverna. Calara-se com aquilo porque é uma tradição velhíssima na terra: *que entre modorno e modorninho há sete cargas de ouro fino,— que uma moira encantada as guarda, tecendo num tear de marfim e chamando alta noite de luar, por quem a vá desencantar!...* E ela não quisera dizer a ninguém a sua descoberta, esperando talvez que a moira lhe desse um dia os tesouros.

Meteu lá a sua protegida e foi levar-lhe comida à boquinha da noite.

Três dias a teve escondida ali, com medo dos ciganos. Eles é que, postos em rebate pela fuga da prisioneira, foram-se andando sem dizerem nada e sem ninguém lhes pôr estorvos.

Só então a senhora Angélica tomou ânimo, e lá foi, mais medrosa do que vaidosa da sua obra, sem ter grande consciência de ter andado bem, contar o caso ao administrador...

Foi um alvoroço na terra! Toda a gente quis ir ver a menina, que veio em triunfo para a vila. Todos lhe queriam falar e tocar, perguntando-lhe, cada um por sua vez, a história, que ela repetia sempre, contente por poder desabafar as suas mágoas. Os que não conseguiam chegar até junto dela abraçavam a senhora Angélica, davam-lhe os parabéns, tinham-n'a já como uma glória pátria, quase uma padeira de Aljubarrota. Ela andava radiante, contando e recontando o caso.

Nova e maior alegria foi ainda quando chegaram os pais da menina, no louco entusiasmo de quem chora uma filha morta e a encontra cheia de vida e saúde.

A senhora Angélica foi bem recompensada, mas sempre me dizia: “que dinheiro nenhum lhe pagaria o susto em que andara muito tempo, parecendo-lhe ver ciganos em todos os cantos, punhais e navalhas reluzentes que de todos os lados lhe dirigiam ao coração!...”

Não era mentira! Tão certo como haver Deus, que aquele rapaz, que devia casar com a menina, rondara por ali muito tempo!... Um medo assim! Nem ela sabia em que se metera!...”

Esta era a história da velha. Depois, o que eu compunha e arredondava!... Muitas vezes visitei a *Cova da Moira* e não era essa com os seus lamentos de triste encantada, com os seus cabelos de ouro, com o seu tear de marfim, a que me enchia a imaginação. Era a pobre rapariga fugida aos ciganos, ali sozinha, temendo ser descoberta, temendo o silêncio da noite, a sombra dos pinhais, os

gritos lúgubres dos corvos!... Punha-me no seu lugar e pensava: Senhor, como pôde ela não morrer de susto?!...

Depois, como os amantes infelizes me fizeram sempre muita pena, acabava por ter dó do cigano que queria casar com a menina e que no dizer da senhora Angélica por ali rondara muitos anos, como alma penada.

ALGARVE

Algarve era o seu nome. Tinha nos olhos leais uma tal expressão de bondade, que inspirava logo confiança aos tímidos, aos pobres, às criancinhas.

Era muito distinto, com seu ar de grande senhor dos tempos passados. Ao atravessar o corredor para vir deitar-se aos meus pés, dir-se-ia um velho diplomata acostumado às etiquetas palacianas.

Não fazia barulho; aparecia junto de nós como uma sombra. Nunca lhe vi aquela alegria ruidosa que faz bem ver, mesmo nos cães. Era silencioso, meigo, taciturno — como se uma saudade ou um remorso lhe pesasse na alma.

Às vezes, quando a dormir, tinha sonhos aflitivos, gemia baixinho, com estremecimentos bruscos em todo o corpo — como se quisesse lançar-se numa corrida para salvar alguém que visse em perigo...

Todas as tardes saía. Fechava-se-lhe a porta, saltava pela janela. Era a única ocasião em que mostrava a energia da sua vontade decidida e teimosa. Voltava às dez horas, impassível e sereno, tal qual como se tivesse ido ao *club* fazer dois dedos de conversa.

Um dia quis segui-lo; pressentiu-me e veio ter comigo fazendo-me festas, como a pedir que voltasse para traz. Não quis compreender e ele então acompanhou-me disfarçadamente, algum tempo, e logo que me viu distraída fugiu a bom correr.

E às dez horas, inalteravelmente, voltava, sereno e grave, como homem elegante que atira o charuto e descalça a luva da mão direita, antes de entrar em casa.

Mas — coitadinho!— era já muito velho e a sua mocidade parece ter sido um tanto aventureosa. à mão me veio ele ter, já cansado, quase sem dentes, o pelo a cair.

Nos olhos do pobre *Algarve* queria eu ler toda a sua história. E, quem sabe, talvez que me não engane muito contando o que li, tudo o que adivinhei nos olhos bons do meu pobre amigo — que um gênio ativo e independente levou a uma triste morte.

Veria pela primeira vez a luz num país branco, todo branco de neve. Grandes montanhas, de uma transparência ligeiramente rosada quando o sol muito pálido as ilumina, avançam lentamente, num deslizar de fadas em doce ronda noturna... e lenta, mas seguramente, caminham para o seu fim— o grande leito amargo do Oceano.

Muitos navios vinham todos os anos à pesca; então, lembrava-se de ver homens que, de quando em quando, vinham a terra e tristissimamente iam depositar o corpo de um companheiro, no cemitério branco picado de cruzinhas negras que lá em cima se via... E a mãe, uma famosa cadela preta de pelo luzidio ligeiramente ondeado, acostumara-o a seguir aqueles cortejos fúnebres, com respeito, quase com mágoa...

Depois, ao primeiro anúncio do inverno, os navios fugiam, como as andorinhas voam ligeiras para a doce paz dos seus ninhos de lá baixo — andorinhas aventureiras que todos os anos voltam, mas à custa de quantos sacrifícios! Quantos ficarão perdidos por esse mar sem fim! E esses homens rudes, que tanto e tanto trabalham por um pedaço de pão, seriam a melhor lembrança do meu pobre *Algarve*...

Quando maior, levaram-no um dia esses mesmos pescadores que ele se habituara a amar e a seguir humildemente. E então foi uma vida de sobressaltos e perigos, passada sobre as quatro tabuas de um navio, tal qual um velho marinheiro muito afeito a perigos e tempestades.

De um naufrágio se salvou, salvando o capitão. Apareceu não sei como em Setubal. Depois, de mão em mão, chegou à minha.

Que nostalgia profunda a do seu olhar, quando se fitava nessa baía eterealmente e incomparavelmente azul! Com quanta saudade ele recordaria esses mares tão diferentes, por onde a sua mocidade se passara, sobre a tolda dos navios?!...

Nas longuíssimas tardes de maio, sempre as mesmas, sempre doiradas e tépidas, eu gostava de me ir com ele até à praia. Ali, na aureola de ouro fulvo com que o céu santifica o mar, ficava-me sonhando, os olhos fitos no farol do Outão, que era um ponto mais brilhante na glória do poente.

Oh! as lindas tardes, as lindas manhãs, as lindas paisagens que nós contemplamos em êxtase; veem-nos passar com a mesma serena indiferença e assim continuarão a encantar os homens na sua rápida passagem pela terra. E mais rápida ainda a desses pobres animais tão inteligentes, tão bons, tão dedicados — e que tão poucos dentre nós têm alma para compreender e amar!

Uma noite o *Algarve* não apareceu às dez horas regulamentares. Um palpite de tristeza me anuviou o espírito... Faltou essa noite e faltou em todas daí em diante. Um bêbedo tinha-se posto diante do seu caminho, numa estúpida e humana graça. O cão voltou, para seguir por outra rua, e o homem, numa selvageria que envergonhava o animal, agarrou-o, entre as gargalhadas dos espectadores que da taverna próxima assistiam ao espetáculo — que na

verdade devia ser de uma infinita graça! O cão filou-o rijamente, sacudiu-o com os dentes e passou.

Mas a injustiça e o ódio dos homens torna-os mais ferozes do que os próprios animais. A alma — se homens como aquele a têm — apenas lhes serve para mais conscientemente fazerem o mal.

Ao outro dia o meu pobre *Algarve* tinha desaparecido para sempre, levado para a suprema ignomínia da *sepultura* dos cães vadios.

CÚMULO

Trabalhava muito, a mulherzinha. Era para admirar como um corpo tão débil podia com tanto. Ela era os recados, a lavagem das casas, as compras...

De manhã passava avergada por grandes cabazes, onde as cebolas cor de rosa conversam amigavelmente com os pimentos de um belo verde de porcelana, a couve abre grandes folhas já murchas cobrindo as batatas ainda com terra, as cenouras doiradas, o raminho de salsa cheirosa e a carne junto da escama prateada do peixe é uma sangrenta mancha — como ramo de cravos num corpete branco. A extravagante mistura que as cozinheiras recebem torcendo o nariz, ralhando com as pobres compradoras e por fim acomodando-se, vencidas pela avalanche de comentários e explicações... Tudo pela hora da morte! Não há quem possa chegar à mais insignificante coisa! E cada vez pior. Verão que os pobres hão de morrer de fome qualquer dia!...

Com um sorriso estagnado, magrinha, grave, trabalhava muito, muito. Silenciosa, sem incomodar ninguém, passava ou, melhor, escoava-se por entre a multidão como um peixe dentro d'água por entre os dedos da mão que o quer segurar. Não faltava às missas, ouvia recolhida todos os sermões, frequentava as novenas, mas não tinha excessos devotos. Tudo fazia comedidamente, sem nenhum exagero.

Não sei como dizer em frase vulgar a sua figura tênue. Que isto não dá a ideia, não completa a impressão que dela fica, leve como um desenho mal esboçado a esfuminho quase limpo... Honesta, vestidinha de escuro, asseada, faz gosto vê-la. Tem um ar senhoril, distinto, quase de uma velha fidalga sem fortuna que precisa agradar.

As filhitas andaram sempre muito arranjadinhas. Enquanto pequenas, era mesmo um encanto. Fatos velhos talvez, mas tão gentilmente postos, que ao vê-las dir-se-ia que eram duas meninas ricas. No Colégio não se confundiam com as mais pobres, não. Mal ficara viúva deixara a renda na almofada encher-se de pó, amarelar com o tempo e confundirem-se os bilros numa indesmanchável meada.

Viúva?!...

Se ela acaso o era!... Que o marido embarcara e há dezesseis anos que não sabiam dele. Tantas vezes navegara naquele navio mercante e sempre voltara tão alegre, trazendo tanta coisa estranha de países distantes, que ela nem compreendia que pudessem existir!.. O que o pobre homem ria de gosto com os espantos da sua mulherzinha! Porque a amava muito, apesar do seu feitio rude,

das suas maneiras largas de embarcação; morria por ela e pelas pequenas. Não pensava em mais nada, nas longas viagens trabalhosas por esses mares fora.

E dezesseis anos sem dar conta de si — decerto que tinha morrido!... Mas sem o confessar, no fundo do coração alimentava ainda uma esperança... Custa tanto acreditar na morte das pessoas amadas, mesmo quando deixam de sofrer diante dos nossos olhos!... Que fará, assim?!...

As raparigas eram bonitinhas, beleza da mocidade, uma certa finura da mãe, com os instintos aventureiros do pai, talvez. Queriam luxo, muito fato, como as outras. Cores claras, leques, fitas, plumas, rendas... coisas tão caras, mesmo quando ordinárias, para uma pobre mulher que mal ganha para a comida. Quantos recados era preciso fazer; quantas casas esfregar! Por mais que se estafasse não chegava a nada. Sempre as outras melhor do que elas; sempre as raparigas a grazinar.

Um dia, furtivamente, tirou uma renda de sobre o mostrador de uma loja de modas, onde comprava para outros o que tanto desejava para as filhas. E que linda gola fizeram! Daí em diante, nas casas que servia, ia tirando sempre, sempre, na tentação que crescia como serena maré num mar feito de lama amornada. Abria as gavetas, desaparecia dinheiro... desconfiavam e despediam-na. E as raparigas que desejavam blusas novas, casacos, lenços!... Por fim, até chapéu. A pobre mulher, que não tinha remédio a dar-lhe, dobrava-se sobre si mesma, compungida da sua desgraça. Não era remorso; era pena de não ter a quem roubar, devagarinho, sem haver escândalo.

Um dia, cansadas de não terem o luxo que desejavam, abalaram as duas deixando a mãe a governar-se sozinha. E ela — nunca mais tirou nada a ninguém! É tão fiel, tão honesta, que não haveria perigo em lhe confiar uma fortuna.

“Que as filhas são muito boas...— murmura a pobre, muito convencida,— dizem por aí mal delas; mas tudo é inveja. Coitadinhas, andam bem vestidas, andam, mas isso o que tem? A mais velha há de casar em morrendo a mulher do homem que a sustenta... E Deus há de fazer esse milagre!— Sinceramente o pede nas suas fervorosas orações.— A outra casa para a páscoa, com um empregado público. Vive como senhora.”

E há quantos anos que ela espera essas boas festas!...

A AMA

Quando a Rosita do Simão casou, foi um desconsolo pela rapaziada. Pudera, se ela e a irmã eram das mais bonitas caras da aldeia! Claro que não se poderiam chamar belezas em qualquer terra de formosuras, mas ali, entre a fealdade quase geral, pareciam duas flores. Decerto que era pena vê-la casar com o bruto do Antônio Marques!

A Mariquinhas estava a servir em Lisboa, numa bela casa arranjada pelo sr. vigário, e vinha à terra de anos a anos, toda senhora, toda posta no seu serio — boas mantilhas, bons fatos, uma *figurona*! E à Rosa, a ter que casar com o Marques, mais lhe valera ir também servir...

Ela é que se não importou com os comentários, e lá foi toda contente, com o seu vestido pávio, o lenço de seda, o xale de ver a Deus, dar a mão de esposa ao sr. Antônio Marques, que ia todo taful, de capote às costas e chapéu novo. Foi uma festa.

No poente rubro, tépido, da primavera que ia no fim, a passarada cantava umas alegres canções — coisas deles, desses vadios sem futuro. Umas péssimas cabeças, as da passarada!

E o Leandro, amigalhaço do Antônio Marques e convidado para o arroz doce, tocava os sinos todos num desaforo de repiques.

O velho campanario tremia entre os braços da hera. A pobre igrejita enchia-se do ouro mordente que o sol enfiava pela rosácea do coro. A vinha do passal perfumava a atmosfera como uma enorme corbelha de reseda e os pinhais, os soutos e os olivedos revivesciam numa vida fresca, novinha em folha. Errava no ar uma tal expressão de vida natural, que inconscientemente todas as bocas se abriam em risos. O sr. vigário, muito solene, fez uma bela prédica à Rosita; as palavras caíam-lhe dos lábios, sérias, claras e precisas como se viessem classificadas, numeradas, sabendo de antemão o lugar que ocupariam na vida. O latim era tão explicado, que fazia gosto ouvi-lo... “Ser casada por ele— dizia a Rosita — até dá felicidade. Parece que fica a gente mais bem casada!...”

Passados tempos, já não dizia o mesmo. O Antônio era um bruto, um avarento; tudo o que ganhava enterrava na fazenda. Em casa, a Rosa mortificava-se, com três criancitas entanguidas de frio e fome— dizia mal da sua cabeça tonta. Ir casar com um trabalhador de enxada já fora uma tolice— e sair-lhe ele assim!... Louvado seja Deus, que tão pouco juízo dá às raparigas! Porque não fizera ela

como a Mariquinhas, que vinha à terra tão bem vestida, que era a inveja de todos?!...

No batizado do terceiro sobrinho foi ela ser madrinha, com incumbência de uma ama para Lisboa. O ordenado era bom e o Antônio Marques, muito avarento, lembrou a mulher. Lá por saudável e bonita não havia outra nos arredores. Os pequenos ficavam com a avó e haviam de se criar como os mais, à graça de Deus!

Falou-se ao sr. vigário — que dissesse ele a sua opinião. A Mariquinhas explicava — que era para casa da sr.^a viscondessa, prima da sua senhora, o sr. vigário sabia...

— “Ora se sabia! Perfeitamente. Ia muito bem; que fosse, que fosse!...”

Custou-lhe muito separar-se dos filhos, à pobre da Rosita. Chorava inconsolável pedindo à mãe que lh'os tratasse bem, que ela mandaria dinheiro para isso; nada de o entregar ao homem que tudo iria enterrar na fazenda e deixaria morrer os pobres anjinhos.

Dois anos que a Rosa esteve por lá, mandou sempre bom dinheiro, que o marido guardava. Os garotos iam-se criando pelas portas, negros e sujos, tristonhos — uns selvagens. Acabada a criação chegou ela, esperada em triunfo por todos os parentes, que de fora da *gare* lhe acenavam com os lenços chamando-a alegremente. Nem parecia a mesma! Mais bonita que nunca, a rapariga. Os filhos fugiam dela, enrodilhavam-se na saia da avó, choravam confundidos por se verem acariciados por mãe tão de grande gala. E ela olhava-os lacrimejante, sem grandes esforços de ternura, que os conquistasse. Achava-os tão feios no fim de contas!... Mostrava o retrato do seu menino — recostado entre almofadas e rendas, risonho e expressivo como se da fotografia fosse estender os braços roliços à boa ama.

— “Que lindo menino, se vissem! Uma gracinha de criança, que tudo lhe ficava bem. Quando o levava pela rua toda a gente se voltava enlevada na sua beleza. Um amor! Nunca poderia esquecer o seu menino, o querido anjo que criara ao peito...”

Aprendera a falar, a Rosita. Estava outra. Até já sabia escrever e passava horas a rabiscar umas cartas ininteligíveis, que mandava à sua senhora. “Não podia esquecer o menino, o seu querido menino! O seu lindíssimo Gut, tão branco e rosado como uma flor...”

Com a vinda da mãe os pequenos andavam mais limpinhos, isso andavam. A casa estava outra — alteada, janelas abertas, branca de cal. Um palácio. Mas,

dizia-lhe um dia o sr. vigário:— “andas tão triste, Rosa! Parece que tens saudades de Lisboa...”

Desatou a chorar.

“Oh! muitas, muitas, do meu menino! Tinha-lhe um amor... Não lhe passava dali!”— E apontava para a garganta intumescida pelos soluços.

— “Cá, tens os teus filhos, Rosa. Há de dizer-se que não gostas deles!... Isso é tentar a Deus, rapariga!”

— O sr. vigário que perdoasse; ela gostava dos filhos — pois se eram seus filhos, não havia de gostar!— mas o seu menino era outra coisa! Tão lindo, tão esperto, tão bem vestido!... Que Deus lhe perdoasse, mas tinha-lhe tanta afeição, que o não podia esquecer!... E beijava o seu retrato, chorando.

O vigário, depois de dar os seus conselhos, afastou-se resmungando:— “o demo da mulher! Se não conhecesse a casa onde estive e não soubesse que foi sempre uma boa rapariga, até desconfiava daquelas lágrimas! Enfim... Decerto que o filho da viscondessa é bem mais bonito do que os negritos do Antônio Marques, mas são filhos, afinal!...”— E rematava sentencioso — o demônio são as mulheres! Umas adoram os filhos mais do que ao próprio Deus; outras até os matam; esta quer mais aos alheios que aos dela!... Há de tudo cá por este mundo!”— E lá se ia à missa primeira, esfregando as mãos geladas pelo nordeste, levantando, a gola de peles do casaco, batendo com as botas-tamancos na calçada, para aquecer os pés.

ENTARDECER

Uma tarde tristíssima.

Desde manhã que uma chuva miudinha e impertinente caía sem cessar. O céu, muito pesado, muito baixo, esmagava o meu espírito, fazia-me sofrer de quantas mágoas inconfessadas existem na vida — tão cruel, tão absurda às vezes!

A lama na estrada chegava ao passeio; as árvores lamentavam-se desoladamente, todas gotejantes e trêmulas, chorando a primavera que tanto, tanto custava a chegar esse ano!

Bandos de andorinhas passavam *arrevoando* junto à terra, piando, friorentas, saudades do sol, que deixaram *lá em baixo* a dourar minaretes agudos, a acariciar palmeiras, que ondulam brandamente as suas folhas em leque, e graves mulheres que passam envolvidas em brancas musselinas transparentes.

Encostada aos vidros da minha janela, eu olhava distraída... Quem passaria por uma tarde assim?... A lama viscosa e pardacenta parecia querer subir, em maré cheia de tédio, a engolfar o mundo na sua moleza repugnante. Tardes enodoadas e longas que enoitam o nosso espírito, fazendo-nos perder a esperança de que jamais um raio de sol ou uma nesga de céu azul venha alvoroçar-nos em sonoridades de risos!

Uma menina passava, tão magra, tão palidasita... A saia, muito fina, a cingir-se-lhe ao pobre corpo de anêmica; agasalhava-se tremendo num pedaço de velho xale esfarrapado e nas mãositas roxas segurava um pequeno embrulho.

Talvez seis anos...

E as botinas cambadas, maiores do que os pés, a enterrarem-se na lama, a não a deixarem andar depressa...

E a noite caindo silenciosamente, e ela sozinha, no campo sombrio, aquela hora e naquela tarde tão abandonado e triste como um cemitério.

Seguindo-a com o olhar, abstrata, quase inconsciente, pensei: quantas crianças da mesma idade brincariam alegres e palreiras, em casas confortáveis, bem vestidas, quentes?... Quantas, nessa hora vaga do cair da tarde, não correriam, sobraçando os arcos, rindo da chuva e do frio, por entre moitas verdejantes de lindos jardins, seguidas por loiras mestras altas e sérias? Bibes brancos a esvoaçar como azas de borboletas; finos cabelos encaracolados caindo em maciezas de luz, a nimbar de ouro Varezo cabecinhas graciosas... Belas crianças

feitas de mimos e de beijos, rosadas e fortes, prontas para a vida sem mágoas nem canseiras.

E aquela! Uma infância miserável, a prepará-la para o longo e obscuro martírio que termina na vala comum passando pela fábrica e pelo hospital.

E a pequenita caminhava vagarosamente, com uma precoce gravidade destoante dos seus poucos anos. Mas...

Uma carroça vinha em doida desfilada, com barulho irritante de velhas molas ferrugentas e guizos casquinando sarcasmos na tarde chuvosa. Assustada, querendo fugir, a criança deixou cair o embrulho. O papel rasgou-se e todo o milho que levava se espalhou no chão lamacento. Nada mais pungente de ver; nada que mais esgarçasse a alma numa angústia — que a pálida figurinha da pequena contemplando aquele desastre!...

A carroça passou e ela foi apanhando, grão aqui, grão além, aqueles que a lama não tinha completamente perdido. Depois afastou-se lentamente, com um sorriso de infinita resignação na sua boquinha já sofredora.

Seis anos apenas — como ela aprendeu cedo a resignação amargurada da vida! Uma imensa piedade, uma dolorosa impressão de irremediável sofrimento, me invadiu o espírito, pensando em todas as anônimas desventuras que se acotevelam na vida.

A noite vinha descendo lentamente. Pesava como chumbo a tristeza arreliante desse fim de dia...

BRETAN

Certamente a mais ninguém acontece ter como eu um medo atroz, um respeito fetichista, pelo correio.

Um comboio que passa, com a sua cabeleira ao vento; os seus gritos agudos, o seu *tamtam* monótono, não me traz à ideia a alegria descuidosa dos que partem para recriadas viagens, não! Eu penso que naquela caixinha, estreita como um esquite, vai amortalhado muito coração, vai muita lágrima alastrada em tinta, levar a todos os cantos do mundo a mágoa que a fez sangrar.

Muita alegria diz também aquela pequena chapa com sete letras a pátio... Diz certamente; mas não a alegria sã e completa dos felizes que não têm ausentes! Quanta saudade de mãe amargurada, que ao deitar a sua carta na caixa sentirá a mesma impressão dilacerante de lançar com ela o coração!... Quanto conselho de pai, martelado a soluços!... Quanto desespero de namorada confiando ao acaso das viagens o seu pobre amor feito em frangalhos!... Quanta tristeza numa frase em que se pergunta pelo anjinho, que se viu nascer e que longe cresce e se faz *sábio*, sem que os nossos olhos o envolvam de carícias!... Quanto beijo dado no vácuo; quantos braços estendidos a pedir socorro, caindo inertes sem ter que abraçar! Quanta mentira, quanto desespero, quanta saudade!... Tudo isto passa pelo meu espírito anuviado, dando-me a gélida impressão de temor!

Até os pobres carteiros, cuja miséria reclama espórtula, têm um modo autoritário de bater às nossas portas. Queiras ou não queiras, aí te vai a carta de pátio que faz refluir todo o sangue ao coração, a frase crua que despedaça amizades, o rendilhado fermentado de um afeto que sentimos morto.

Sobre uma carta encontrada, toda uma vida se pode refazer; desenhar justamente um caráter; ter quase palpável, diante dos nossos olhos, a figura sorridente ou lacrimosa, entusiasta ou fria, resignada ou inquieta, que ao papel confiou as suas impressões. Mas nenhuma como esta, que uma piedade estranha roubou à bruta indiferença de um pai, dá a fragrância de uma alma.

Por delicadíssima oferta de quem sente a vida como eu a sinto e compreende como eu compreendo a amargura dos que sofrem, ela me chegou às mãos, tal qual a vou copiar:

— “(Bretagne) le 8 Fevrier 1892.

Je réponds a ta lettre reçu le 2 Fevrier nous sommes en très bonne santé nous désirons que toi il en soit de même. Nous avons reçu avec beaucoup de plaisir les details de ta situation soit sur le passée comme sur le présent. Je s'ai que tu n'est

pas en peine pour diriger tous les travaux comme ils se font en France. Pour faire la cuisine tu n'est pas noice l'on doit être content d'avoir un aussi bon cuisinier que toi surtout pour lapin et lievre. Avec 3 jambons et du lard tu en a là pour prépare beaucoup des lièvres.

Je pense que tu dois boire du vin j'ai entendu dire qu'on recolté du vin très renommé. Je suis très satisfaite que tu ai fait toutes ces emplettes car elles sont bien utiles. Mais maintenant que tu as toustes vêtements nécessaires, puis qu'il y a beau coup du gibier cela doit servir pour une bonne parti de ta nourriture alors une personne seule avec le gage que tu gagne si j'etats a ta place il me semble que je tacherai moyen de mettre un peu d'argent de côté car si plutard tu en avant besoin tu aurai là ce qu'il te faudra car l'argent ne nuie jamais, je ne pense pas. Cher père de te fâche quoique je te donne ce petit conseil mais tu s'ai l'argent est bien utile sans cela ou ne peut rien faire. Comme tu me dis que tu as acheté une couverture de laine dans ta prochaine lettre tu me dira si tu a un appartement ou tu fait ta cuisine et si tu couche dans un lit tu me l'expliquera. Tu connais donc le roi du Portugal? ce serait un grand honneur pour toi si Sa Magésté venait chasser avec toi ainsi que tu me le dit mais je crois que tu ma dit cela pour me faire rire mais peut être il n'y a pas beaucoup des chasseurs en Portugal. Fait-on la chasse aux macreuses comme ici toi qui aime tant cette chasse lá tu n'en parle pas. Comme tu me parle de la mer vois-tu la Mer Méditerranée ou l'Ocean Atlantique? Tu me dira aussi si tu parle Français ou Portugais. Tache moyen de conserver ta bonne place et du commerce ne m'en parle pas car c'est le commerce qui nous a occasionné tous nos grands malheurs. J'ai a te dire qu'il y a appeine un an que j'ai commencé un petit jardin dans la cour du cellier je vai t'en donner un aperçu a partir du portail jusqu'au 1.^{er} figuier j'ai fait une palissade, lá j'ai planté 3 rangs d'arbres fruitiers, j'ai fait un petit chemin qui fait le tour des arbres, et j'ai fait des anglaises, lá j'ai planté tout espèces de fleurs ce serait trop long pour te dire tous les noms des fleurs que j'ai planté, tout cet été qui s'ai les fleurs que j'ai eu pour porter á l'Eglise. J'y ai mis aussi des fraisiers, des grosselliers, des souches pour faire grimper en un mot rien n'y manque que d'avoir un puits. Comme je ne sort jamais pour aller en promenade je vai passer beaucoup des moments a voir mes plants les arroser lui enlever les mauvaises herbes et cela me distrait beaucoup. Depuis le mois de Novembre mon jardin est plein de violettes. Le climat du Portugal doit être plus chaud qu'ici il ne doit sans doute pas tombé de neige, mais pour nous il fait un hiver pluvieuse nous n'avons seulement pas eu le vent du nord nous voyons la neige sur les montagnes mais il ne fait pas froid. Si tu ne peux pas ecrire pour la fin des mois jusqu'au mois d'Avril ou Mai c'est trop loin tu peux ecrire vers le millieu de Mars le plustard. J'ai donnè des nouvelles a ma Tante e mon Cousin. Ton ami Gilbert vient a la maison de temps en temps il nous demande toujours de tes nouvelles car il t'aime bien mais Gilbert a été bien éprouvé comme nous, tu peux penser comme il est desolé il y a plus d'un an qu'il a perdu sa pauvre fille.

Je termine ma lettre cher père en t'embrassant du fond du cœur ma mère et moi.

Ta fille—*Celeste*

Com os seus erros de ortografia e a sua completa ignorância de gramática, com a maneira simples, natural e humana de dizer o que sente, é a mais delicada, a mais doce, a mais sentida nota que uma obscura alma de rapariga tem feito ressoar no meu coração.

Como ela se desvanece, primeiro, com os talentos culinários do *Cher Père*. Depois vem o seu instinto econômico de *petite mère*, a dar tão bons conselhos ao pai de má cabeça — que parece ele foi...

O espanto da pobre rapariga, o orgulho que sorri entre dúvidas, de que, ele conheça *Sa Magesté!*... Perdida num cantinho da Bretanha, na sua grande França republicana, essa ideia será para ela qualquer coisa de grandioso e vago como os radiosos contos de princesas e fadas de que a sua infância foi entretecida.

Nem tu sabes, touquinha branca de asas engomadas, como o sol do pequenino país onde teu pai refaz a sua fortuna desbaratada, engrandece os humildes e banaliza os grandes!

Ignorante *Gaud* de olhos cor da flor do linho, pondo com grande esforço de memória a pena nos dentes, a consultar a sabedoria da escola: *vois tu la Mer Méditerranée ou l'Océan Atlantique?*

O grande Atlântico, minha querida!— a vastidão do mar que deu ao insignificante país, que mal te lembras de ver no mapa, a vastidão dos continentes novos!...

Vem depois o horror ao comércio, como um rebate de incêndio... Compreendo o teu medo, o teu grande desgosto, pobresita! Estou a ver a tua casa muito arranjadinha, com o "*leito à moda da cidade*", os teus fatos ricos a fazer inveja,— a bela herdeira que tu eras, a chamar pretendentes!... E de um instante para o outro, tudo desfeito, como um sonho de criança! Sim tremer, tremer das más cabeças, no comércio. *Le pauvre cher Père!*...

Vem aligeirar a carta a linda descrição do jardim, que ficou o seu luxo, a consolação dos dias tristes passados com a velha mãe a lembrar o ausente— fugitivo, criminoso talvez?!...

O adorável perfume, tão fresco das suas árvores de fruto!... E os ramos de flores tão variadas que seria longo enumerar, como na sua melancólica igreja devem dizer bem, no altar de Nossa Senhora! Mas o poço que falta lhe faz, à paciente jardineira!

Parece que toda a carta ficou impregnada desse aroma honesto de violetas, que desde novembro encham o paraíso da voluntária reclusa.

A vaga impressão de sol que lhe sugere o clima de Portugal... Como teria ela aqui formosas flores para cultivar!

Abre-se diante dos nossos olhos a serenidade da sua vida desfeita e conformada, lendo esta singela carta toda saída do coração; o amigo Gilbert visitando a família, e tão triste, ele também, com a morte da pobre filha!...

Leva-lhe, Celeste, ao seu coval de virgem, braçadas das tuas flores tão queridas! Leva-lh'as. E será melhor pedires à boa amiga que te deixou, um lugar ao seu lado, na pacificação do vosso cemitério raso. Com o teu coração, Celeste, que farás tu neste mundo de lama e ouro, pobre querida?!... Pede— aconselho-t'o eu— á filha do teu amigo Gilbert um lugarzinho doce onde te deites sossegadamente, com a touca engomada pela última vez, o teu vestido dos dias felizes, os sapatinhos que nunca terão uso. É o melhor que tens a fazer, se não queres o teu coração gelado pela indiferença alheia, como a neve que nas montanhas alveja diante dos teus olhos sonhadores.

O susto em que vives, simpática desconhecida, que eu compreendo e amo. Nem o teu amigo Gilbert, nem esse mesmo deve saber ao certo onde para o filho pródigo!

Que despedaçadores martírios e desgostos; que mortificantes saudades curtidas longe!...

VITÓRIA

Vitória.

Tinha este nome triunfante, que sugere ao nosso espírito manhãs claras de sol a bater nas espadas polidas dos guerreiros, músicas estrídulas que falam de sangue de heróis e de glórias coroadoras... E contudo nada mais triste do que a sua face de quase idiota, o seu olhar inexpressivo, o seu rir incolor!

Ainda aos domingos era boa de ver: as saias de chita muito rodadas, o lenço claro, o casaquito novo; o seu riso até era mais infantil e mais sonoro. Mas nos outros dias fazia pena, mesmo muita pena, vê-la tão pobresita, quase miserável— a saia de riscado muito remendada, o cabelo a sair-lhe do lenço, roto pelo cântaro sempre em equilíbrio sobre a sua cabeça tão vazia.

Dava água às casas ricas, por três tostões ao mês. Senhor, como se é infeliz; como pode alguém viver assim, num mundo em que outros têm tanto de sobejo!

A mãe, viúva muito nova, ficara com uma ranchada de filhos, que fora criando à custa de muito trabalho. Depois, todos grandes, os rapazes começaram de morrer tísicos; e as raparigas, as que tinham préstimo, estavam a servir para Lisboa. Ela, a desditosa, para ali ficara abandonada no casebre enegrecido, feito de pedra solta e telha vã, onde todos os seus tinham nascido e morrido.

Fizera-se aguadeira — para que mais poderia servir tão inferior, tão desajeitada? E mesmo isso lhe ia a faltar: os ataques não a poupavam e os cântaros partiam-se todos os dias, num desespero para as donas de casa que ficariam pobres com tanta despesa.

E a Vitória, vá de entristecer, já por vezes a encontrava sentada no pátio, na ansiosa espera de uma esmola de pão...

Uma manhã— linda manhã que ela era!— na vila muito alegre, muito branca, passava um belo ar de dia festivo. Manhã domingueira. O sol, nada quente, no rigor do inverno. Da serra da Estrela vinha uma reverberação de neve imaculada e uma aragem fininha, aguda, que fazia bem.

Para a missa passavam as mulheres dos *povos*, vestidas de escuro, a capoteira de pano lustroso, o lenço de seda amarelo e vermelho. As da vila afidalgavam-se com os xales de borlas, os lenços de cores mais finas. E homens e mulheres iam apressados para a missa das onze — a última.

Criança, eu, à janela, olhava com certo prazer o movimento do largo, quase deserto aquela hora nos dias de trabalho.

Em frente, a estrada em sombra era toda branca ainda da geada da noite. Da fonte vinha uma grande alegria de vozes femininas, que riam alto, num bem estar de vida satisfeita.

A Vitória estivera lá, falara e rira como as outras; com o cântaro à cabeça, o fato dos domingos bem asseadinho, tinha quase um ar gentil, quando ia passando.

Preparava-me para lhe dizer adeus, numa alacridade de amigas velhas. Eu, que sempre amei os humildes, os infelizes, entendia-me com a pobrezinha.

A infantilidade dos meus poucos anos compreendia bem a eterna infantilidade da sua alma inferior.

Mas, bruscamente, ela parou, estendeu os braços para a frente...— e não me esquecerá nunca a curva que o cântaro descreveu, indo despedaçar-se na terra endurecida, ao mesmo tempo que o corpo, numa rigidez cadavérica, caía para traz... E a cabeça no chão teve uma pancada seca, de arrepiar!

Correram de todos os lados a socorrê-la, a levantá-la, mas o ataque epiléptico veio-lhe todo inteiro numa loucura estrebuchante de desarticulações e esgares, num desespero de sofrimento que alucinava!

Na cara feiasita e habitualmente tão parada da pobre rapariga, passaram todas as expressões, as máscaras de todos os nossos sentimentos e paixões, de todas as nossas alegrias e lágrimas.

Todo um mundo cabe na cabeça de um pobre doido.

Estarrecida de pavor, eu ficara-me a olhá-la muito fixamente, a seguir o estranho espetáculo. Agarrava-me às grades da varanda, como se numa vertigem algum vento de loucura me fosse levar também. Que terror infantil! Num empedramento de irresolução pela piedade e pelo espanto, eu permanecia ali, sem gritos na boca e sem lágrimas nos olhos! O meu pequeno coração modelava-se dolorosamente numa concentração profunda do sofrimento alheio! É por isso que, olhando para dentro de mim mesma, eu sempre encontro, nítidas, gravadas a frio, eternas, sofredoras sempre,— as figuras trágicas dos que vi padecer e chorar...

Quando levaram a Vitória, já sem sentidos, todo o seu fato dos domingos, cuidadosamente lavado e guardado com tanto amor, ia em farrapos!

Miserável criatura, vítima inconsciente, para quem a única alegria da vida será a morte redentora e pacificante!...

Só então ela dormirá em paz, no cemitério melancólico da terra agreste e linda que unicamente conheceu na vastidão do mundo!... Os pinheiros rumorejantes, as pedras, as flores, as coisas inanimadas, compreenderam melhor a sua pobre alma inferior.

Às vozes mudas da natureza juntar-se-á a sua voz— queixume de triste desdenhada pelo egoísmo dos homens.

A TERRA

Quando um homem se apega à terra, ela é por vezes de uma ingratidão que chega a revoltar. Com a sua impassibilidade de coisa morta irrita o amor até ao fanatismo, leva à loucura.

O Manuel Carpinteiro não tinha mulher, nem filhos, nem sobrinhos, ninguém que lhe ajudasse a levar a vida alegremente, que pelas manhãs o acordasse com sonoras alvoradas de risos.

Vivia só, num casinhoto ao cimo da vila. Ele mesmo fazia o caldo e cosia umas batatas; a broa comprava-a de caminho em casa da sr.^a Cândida, quando à noite recolhia de enxada ao ombro, tristonho, indiferente, para ali uma coisa sem nada lhe importar. Passava pelas mulheres com uma completa indiferença de desconhecido. Era um simples cavador, mas chamavam-lhe *carpinteiro* porque o pai o tinha sido; já em garoto alcunhavam-no de *Manél do carpinteiro*; depois, com o tempo, por abreviatura, ficara com aquele nome.

À custa de muita avareza e muita miséria arranjou meia dúzia de vinténs, e tanto pediu, tantos empenhos meteu, que na Câmara lhe emprazaram um bocado de serra. Mas, como a pobreza é muita naquela região, o povo miserável toma os maninhos como próprios. Ninguém lhes pode tocar, sob pena de revoltas e gritos do mulherio, dos *sem eira nem beira*, que por vezes têm percorrido a vila esbracejando, cabelos desgrenhados, lenços escarlates a agitarem-se como bandeiras de guerra.

Os invernos são rudes e os desgraçados vivem da serra como animais inferiores. Queimam pelas noites bravas de invernia os sargaços verdes, que enchem de fumo os casebres e nem ao menos se desfazem crepitando risos de ouro. Vendem aos lavradores molhos de fetos para comprarem o pão de cada dia e as ovelhas têm o seu magro pasto por essa serraria além, entre pedreiras e pinhais.

Temendo um levantamento, os graves senhores da Câmara emprazaram ao Manuel carpinteiro uma courela de terreno inculto — aquilo que não prestava para os outros.

O povo todo explodiu numa sonora gargalhada:— que ia fazer aquele maluco com um bocado de maninho tão seco? Por mais que se matasse nunca lhe daria senão uma reles terra centeeira...

O Manuel arreliou-se fortemente com esses ditos e, cabeçudo como um verdadeiro beirão, arranjou uma cabanita, no meio da belga e ali vivia como um selvagem.

Trabalhava desde que o sol vinha, irrompente, até que se escondia nos poentes gloriosos dos dias longos do estio. No inverno apanhava a pé firme as chuvas, a neve, o vento e o frio. Era um labutar sem descanso, e ela, a ingrata, pagava-lhe com umas anêmicas paveias de centeio, que ondeavam palidamente, mostrando a terra branca de seixos como dentes descarnados de rapariga tísica. Ele mesmo assim a adorava, a essa belguita que ia fazendo com o seu trabalho, regando com o suor do seu rosto. Em metade plantou um bacelo, mas a uva não amadurava; deu-lhe um vinho *palhete* muito leve, muito agradável, mas para vender era uma desgraça — nenhum negociante lhe pegava. E no entanto ele amava-a como se fosse uma mulher formosa, sempre pronta a pagar-lhe em sorrisos os cuidados de que a rodeava.

O que lhe falta é só água,— dizia ele sombriamente— o mais é uma terra nova, boa de lei. E continuava a revolvê-la com a ânsia de quem procura tesouros. Vinham homens entendidos, os *vedores*, ensinar o bom sítio para fazer os poços, mas tinha que os entulhar logo, quase desanimado. Água, onde é que ela aparecia ali?! Só a tal profundidade, que era absurdo pensar nisso.

E o povo a rir, a rir perdidamente do desgraçado!..

Picado por esses risos, foi hipotecar a belga e meteu jornaleiros a cavar, até darem com o sangue da terra. Pedras e só pedras é que apareciam, depois, rocha viva, que foi preciso despedaçar a tiro. E ele chorava, o pobre homem!

A face distendeu-se-lhe pela primeira vez, num sorriso satisfeito, no dia em que um delgado fio d'água borbulhou no fundo do poço. Balbuciava coisas sem nexo ria por entre lágrimas que lhe avermelhavam os olhos. Nem parecia o mesmo; a alegria quase o endoideceu. Depois de ter o poço completamente forrado, tinha ainda pedra de sobejo para murar a territa; e ele tudo era pensar em grandezas.

Porque o povo começava a invejá-lo, quis ir até ao fim, começando pelo largo portal para carro...

Mas a terra não dava os juros a dez por cento que o triste pagava — ela que apenas rende, quando muito boa a cinco. Falavam-lhe em penhoras, desgraças... e o rude campônio começou de andar aturvado de juízo.

Passava dias a olhar o fundo do poço onde a água se mostrava estagnada, negra, e ao mesmo tempo fascinante— como a prometer-lhe descanso no interior da terra bem amada.

A propriedade era tão nova que nem os fetos denticulados em primorosa renda o revestiam de verdura, nem a avenca delicada lançara ainda entre o musgo as suas hastes muito finas!...

E horas e horas que ele levava sobre uma frágil tábua, agarrado à *varela do engenho* com os seus braços cabeludos e fortes, fazendo descer o balde ao fundo para o tirar cheio d'água fria, que, entornada na piasita ao lado, se ia perder na terra empapada!...

Queria muita, muita água — era a sua ideia fixa. Parecia-lhe que só assim ela lhe daria todo o seu dinheiro. Os paus do primivo engenho, friccionados no balanço compassado, rangiam lúgubres soluços, atiravam para o espaço uns gemidos estertorosos.

O desgraçado até já metia medo, com os olhos encovados e enfebrecidos, com a magreza musculosa do seu corpo afeito a trabalhos e fomes.

Levaram-n'o então para a vila; mas os cuidados de indiferentes servem de pouco. Ninguém mesmo se atrevia a guardá-lo de noite porque as passava a gritar— que o diabo estava ali, que um gato pátio o queria afogar, que lhe roubavam a fazenda!...

Mal o sino das ave-marias dava a última badalada — que se envolve já nos murmúrios nostálgicos da noite que se avizinha; o chocalhar dos rebanhos recolhendo ao curral, os carros chiando torturadamente, as cantigas e os risos das raparigas na fonte, as rãs, os grilos e ralos que despertam para a sua faina palreira — fechavam-lhe por fora a porta do casebre e deixavam-no sozinho esbravejar e gritar à vontade.

Até que um dia saltando da cama conseguiu arrombar a porta e a correr chegou à propriedade.

Quando de manhã deram por falta do Manuel, foram procurá-lo à fazenda. Decerto que não fugiria para outro sítio. Todo o camponês compreende aquela loucura. Foram encontrá-lo no fundo do poço. Um *rictus* medonho mordida a sua face desvairada — nem a morte conseguira pacificar aquela fisionomia roída de ambições e terríveis desenganos!...

No fim de tudo, quem ganhou foi o usurário que lhe emprestara o dinheiro e ficou com a belga, já feita, pela dívida pequena do pobresito.

Até faz pena vê-la agora, com o seu portão de ferro pintado de fresco, a nora cantante, o ar de quinta de ricaço que vai tomando.

FREIRAS

Na palidez do poente, de um azul cinzento, a igreja destacava-se em negro na elegância da sua torre manuelina.

Em baixo, o largo era todo em festa; as luzes começavam a acender-se, pondo aqui e ali sorrisos de ouro.

Olhando a massa sombria do convento, uma vaga tristeza me ganhou o espírito. Lá em cima, na pequena janela gradeada, quantos lindos olhos terão chorado, vendo o mundo com o tumultuar das suas paixões e risos, alindado pela ignorância das suas almas prisioneiras?!...

Por mais artístico e lindo que seja um convento de frades, não me faz sonhar como os de freiras. Se eu compreendo tão bem o martírio das pobres almas femininas encerradas duplamente pelas grades e pela ignorância!...

As que fugiram do mundo, porque nele sofreram, essas não me fazem tanta pena — tinham para companheira da sua solidade a doçura amarga das lágrimas, que recordam venturas idas...

Mas, pobres entes muitas vezes votados antes de nascer à frieza claustral, arrepiam-se-me a carne só em pensar nas vítimas inconscientes desses sacrifícios bárbaros!

Conta-se que aos quatro anos Santa Margarida de Hungria tomou hábito, tendo ido para o convento ainda com a ama. Aos seis trazia cilícios e aos doze professava — “já fadada para santa tinha vindo” acrescenta o cronista.

Mas as outras, que fossem mulheres verdadeiras, de carne e nervos e sangue a palpitar vida sadia e humana!... Ah, essas pobres plantas criadas em subterrâneos, caíam estioladas na frescura dos anos. Então — sem mesmo serem choradas — iriam para a terra resgatar a mocidade em perfume de flores... Outras, afazendo-se à solidão, vivendo na fantasmagoria luminosa do *flos Santorum*, iriam de degrau em degrau à loucura santificada. E, mortas também, seriam adoradas sobre os altares...

Não sei que doçura tristíssima encontra o meu espírito em visitar os conventos de freiras, em piedosa romaria evocativa!

Aquele de que eu mais gosto pela beleza da sua arquitetura rendilhada, acontece ser hoje um hospital servido por irmãs de caridade. Ao ver passar ao fundo do claustro deserto a mancha negra dos seus hábitos, não sei que lufada de outro tempo me enche a alma de sombras!

Calcando essas lajes desiguais, onde tantos corações arquejantes de fé foram descansar para sempre, uma história me lembrou, que alguém, que ali viveu trinta anos, piedosamente me contava:

— Era quase noite; o céu de púrpura, onde o sol agonizava, esbatia-se gradualmente, vindo morrer num louro cendrado, confundindo-se com a lua que se levantava em crescente. Duas freiras das mais novas passeavam pelo claustro, onde, já do seu tempo, tantas esposas do Senhor tinham ido esconder a face macerada, dormindo o eterno sono.

Que diriam elas, assim juntas, na hora das doces confidências, deslizando como sombras no silêncio religioso do velho claustro?... Que mágoas viriam subindo da memória longínqua dos seus amores mundanos?... Que sorrisos e que lágrimas?!...

Uma disse:— “Cheira tanto a terra!”— “Breve estarás com ela!...”— Respondeu-lhe uma voz formidável vinda do chão, vinda da noite, das grandes casas desertas!...

E o caso é que a pobre freira entrou de entristecer, de cair numa grande e incurável doença d'alma, que em poucos dias a levou para o supremo descanso, fazendo certa a profecia.

Ainda este convento tinha a beleza incólume das suas colunas em mármore, a alegria dos grandes dormitórios cheios de luz, o encanto do coro todo em azulejos e atufado de imagens santas.

Mas, outro lá para a Beira, onde eu estive uns dias, escuro, enorme, sem beleza nenhuma, pesando sobre a nossa alma com a bruta espessura das suas paredes mestras... Ah, nesse, como seria horrível viver!

Apenas lá encontrei duas freiras. Uma, a priora, — santa senhora! — alma lavada, riso franco, uma encantadora ingenuidade no seu virgem coração de oitenta anos. A outra, sombria, um olhar por vezes desvairado a fuzilar sob a brancura da toalha de linho, que lhe emoldurava o rosto opalescido. Relativamente nova para ser freira professa ao tempo que acabaram os conventos, fez-me curiosidade. Perguntei à priora, e ela, a santa velhinha, — morreu o outro dia... que pena tive! — ela contou-me tudo:

— “É que sóror Maria fora metida no convento aos quatro anos. Para que o morgado ficasse livre de encargos? Promessa de pais muito piedosos? Não se sabia.

Mas a ela não a tinha Deus fadado para santa! O seu coração, nascido para viver, nunca se pudera aclimatar aquela existência de mortos.

Aos quinze anos, os parentes obrigaram-na a entrar para o noviciado. A ordem das *bentas* não reformadas, não era apertada, ao menos...

Pelas grades das janelas via-se a pequena cidade rumorejante e ativa como uma colmeia.

E a gentil noviça tinha prendido os olhos aos olhos de um lindo moço, que de fora a contemplava em êxtase...

À noite, nos outeiros sentimentais, a conversa corria alegre e fácil como a água clara que desce das montanhas. Que dúvida? Se eles eram novos e os seus espíritos tinham tentado o espaço que os separava, decerto que se haviam de amar!...

Depois, o eterno drama dos amores contrariados:— espiões, todos os olhos que a fitavam; criadas compradas; a família insistindo cada vez mais pela profissão...

Já vagamente se falava em liberdade. Da França vinham flâmulas de luz. O namorado pedia-lhe que resistisse... o governo miguelista seria vencido em breve. Era a sua esperança! E então, ninguém a poderia obrigar a ser freira, ninguém se oporia a que ela saísse, noiva feliz, da prisão fanática.

Ah! falar cedo de mais, meu pobresito, é um grande perigo!...

Desapareceu o namorado e a triste da noviça deixou de resistir à vontade dos pais.

Já quando no sul os liberais entravam, cantando a vitória que os atordoava a ponto de quase duvidarem, de inesperada que foi,— tomava ela o hábito à pressa, tudo arranjado pela família, tumultuariamente, temendo de a verem sair.

Mas não. Com a morte do seu namorado tudo morrera nela! Sempre silenciosa, aquilo que ali estava!...

Desde esse dia, olhava com um romântico interesse, procurava a antiga beleza desse rosto marmóreo, amortalhado em vida, o capuz do hábito cortado em bico sobre a testa, os lábios cerrados num silêncio desesperador...

Parece-me ainda estar a vê-la, no coro, na reza da noite, enquanto a boa priora — acompanhada por duas meninas com velas na mão — ia lendo o seu latim e apagando as luzes uma a uma!... Sórora Maria abstraía-se da vida presente e a sua alma parecia voar para um mundo de recordações e sonhos trágicos...

A um canto, com o lencinho branco das recolhidas, eu seguia o ofício fúnebre da priorisa, nos olhos desolados da triste monja.

Depois de lhe saber a história, dediquei-lhe um grande afeto, que os meus lábios jamais lhe confessaram, atemorizados por um não sei quê de altivo que havia na sua dor! São mais eloquentes, mais verdadeiros, os discursos que um delicado pudor espiritual apenas nos deixa balbuciar com os olhos. Nunca ela compreendeu esse afeto — porque, almas despedaçadas como a sua, já nada compreendem nos sentimentos alheios!...

O que há de triste no meio de tudo, é que o quebrar das cadeias também acarretou consigo muitas e pungentes lágrimas. Companheiras insubstituídas, deixando um vazio de morte nos casarões sombrios... As cercas tiradas pelo governo... A miséria, a fome mesmo... Quanta tristeza na alma devastada das últimas freiras!...

E as festas deste novo mundo, vistas das janelas gradeadas, seriam bem pouco compreendidas por elas!

No largo, em frente do convento onde a minha pobre Sórora Maria sofreu, fizeram barulhentas touradas cheias de pó e gritos selvagens, espetáculo que dá, a certos espíritos delicados, a mais frígida impressão de tristeza! Vendo esse divertimento todo material, podia ela sequer recordar, lá em cima da janela gradeada, os combates de poesia a que a sua mocidade assistira e onde o seu coração ficara tão mortalmente ferido?!...

E assim, se alguma freira de Jesus se levantasse da cova e arrastando o seu hábito de franciscana fosse à última janela espreitar o largo — que diria ela ao ver os balões em linhas caprichosas, esboçando fantásticos desenhos de luz na escuridão da noite?...

E o povo passando em onda, em chusma, por entre a alegria clara dos vestidos femininos...

Que diriam elas, que diriam?!...

SOMBRAS

Para a minha rica mana Rosa!...”

Por acaso, numa caixa aromática de xarão vinda de minha avó, encontrei um dia, entre pequenas coisas de outro tempo e cartas de família, uma que decerto foi — há muitos anos já — lida e relida por uns adoráveis olhos azuis que bastante devem ter chorado as tristezas do exílio...

Velha carta amarelecida, quebrada de antigas dobras, num antiquíssimo papel— como ela evoca, ao meu espírito histórias quase fantásticas para nós, dessas existências decorridas há tantos, tantos anos!...

“Minha querida mana Rosa do meu coração!...”

São adoráveis essas cartas de antigamente, feitas com uma simpleza e uma ingenuidade quase infantis — como não somos já capazes de fazer! E eles sentiam tanto como nós sentimos; mais ainda talvez...

Não eram as separações quase eternas? Quem poderia esperar, ao sair de Macau, numa longuíssima viagem em navio à vela, que decorridos anos tornaria a ver essa família muito querida, deixada por outra mais querida ainda?!

Quanta amargura, quanta tristeza, nos dizem essas pequenas cartas criancilmente simples, a quase nos fazer sorrir! É que a alma humana não tinha chegado ainda à suprema tortura de se sentir pensar, de se saber despedaçar aos bocadinhos, palavra por palavra, letra por letra, lágrima por lágrima!... Não tinha chegado ainda ao espiritual impudor com que nós procuramos traduzir em frases bem redondas, bem nítidas, bem palpitantes, a amargura que nos cava fundo no coração.

Ao dar com essa singela carta de há muitos anos, uma grande simpatia, envolta em uma espécie de saudade, me veio por as encantadoras figurinhas do tempo passado, sorridentes, frágeis, movendo-se musicalmente na graça antiga do minuete passeado...

Vejo-as: com os seus grandes chapéus à diretório, de cintas muito curtas e leques de plumas, levantando gráceis os vestidos compridos,— mostrando, numa *coqueterie* quase infantil, a meia de seda clara arrendada, com fitas a enlaçar, como era a moda.

Têm uma doçura pálida, um encanto murcho de outros tempos, um perfume apagado, imaterial,— essas histórias tão graciosas e tão puras.

É com meiga tristeza que recordamos todas as que foram lindas e amadas há muitos anos e hoje desaparecem no pó!... Finas *silhouettes* que os nossos filhos nem já saberão distinguir no montão de saudades que lhe vamos acumulando!

É um delicado prazer do espírito lembrá-las assim, uma por uma, essas empalidecidas figuras de mulheres formosas vestidas com antigos trajos — que eu só posso imaginar bonitas e moças, e tão velhinhas seriam se ainda pudessem existir!

E foram belas e foram novas e foram amadas — essas que hoje não são mais do que sombras!

Mas para escrever uma história dessas — feita de ligeiríssimos esboços, de recordações muito vagas, quase de tenuidades de sonho...— quanta concentração de bondade, e delicadeza e amor é necessário?!...

Ao olhar, ao tocar um pequenino retalho de seda que serviu outrora num vestido de noivado,— toda a nossa alma há de estremecer numa saudade fugitiva, o nosso coração vibrar palpitando, como próprias, as alegrias e as tristezas de todos aqueles que no mundo passaram...

É como se os víssemos diante de nós, sangrando ainda todo o amargo sofrimento da vida...

Minha querida mana Rosa...

Rosa — apesar de se chamar Ana, essa linda irmãzinha, a que o rosado das faces dera esse nome deliciosamente familiar e perfumadamente fresco — numa caligrafia larga, antiga, num português estrangeirado, ela vai dizendo as saudades e as tristezas que a vinda para Portugal da irmã mais amada lhe deixara na alma.

Nem um grito, nenhuma revolta. Na retidão do seu espírito de inglesa essa partida era um dever sagrado, que não se devia amargurar por inúteis lágrimas.

E nada literária essa ingênua carta de uma doce e loira inglesinha nascida lá muito longe, na velha terra de Macau. Conselhos para a viagem, de uma graça toda maternal e muito prática:— “Não é bom tomar caldo de galinha enquanto está enjoado. Há de fazer muito mal. Eu mando doce de laranja. Diz que é muito bom comer quando está enjoada. E um pouco de gengibre salgado. Deixa ficar um bocado na boca, sempre...” — E por fim, quase num soluço: “Adeus minha

querida mana, mande notícias suas sempre, para sossegar este aflito coração.” — Saudades, beijos aos sobrinhos,— assinado: *Juliana Moor*.

Ao ler este nome eu recordei, quase involuntariamente, toda essa história, bem certa, que minha avó contou aos filhos, que os filhos nos contaram a nós.

Sim, era ela, foi ela, essa pobre e querida irmã deixada para sempre, que à despedida lhe disse:— “ai minha rica mana que não nos tornamos a ver!... Mas eu irei despedir-me de ti!...”

E veio. É tão simpática ao meu espírito essa pequena história, ouvia-a tanta vez contada por minha mãe— que eu também a posso contar como se a ela assistisse.

Primeiro, eu as imagino, a essas cândidas figuras de inglesitas, vestidas de seda clara, muito loiras, com a ingenuidade idealista da sua raça, apaixonadas aos quinze anos por estrangeiros, que as levariam para longe— o pai bem o previa!.. Mas nessa idade quem presente as lágrimas que as alegrias trazem consigo?!

E também a contemplo, à minha linda avozinha, com os seus deliciosos quinze anos, o cabelo muito louro em bandós encaracolados, uma fita estreita a fazer a cinta debaixo dos braços, os ombros quase infantis a destacarem muito brancos na seda rosa do vestido império...

Muito linda, muito linda! Tal qual me sorri na miniatura encantadora que tenho aqui diante dos meus olhos.

E a outra devia ser parecida — quase iguais, como duas pombas saídas do mesmo ninho. Alegres e felizes ambas por bastantes anos ainda, na terra que as vira nascer, crescer e amar. E os filhos da outra, tão amados por ambas que só na separação distinguiram a verdadeira mãe...

Mas tinha de ser. Uma vinha para Portugal na nova família que ela criara; tão estremecidamente amada no dia em que morreu como no dia em que casou. A outra lá seguiu com o marido para Goa, na lógica dos seus destinos e da sua raça.

Mas uma noite...

Já muitos anos tinham passado; aquela que fora uma gentil criança era então uma formosa mulher, ao de leve empalidecida, de sorriso a murchar, conhecendo já o amargor das lágrimas... Ela não esquecera ainda essa família querida, deixada tão longe, deixada para sempre!... E a irmã, que amava mais

que a todos, quando a veria?... Pedia-lhe o coração que fosse bem tarde— porque era uma certeza para o seu espírito que só à alma, desprendida do corpo para sempre, seria dado esse infinito prazer...

Uma noite ela dormia serena, junto do marido, quando uma voz a chamou de manso... Como não acordasse de todo, julgando-se a sonhar,— três pancadas dadas muito de leve na cama despertaram-na completamente.

Era ela, a irmã muito querida, numa sombra suave, que não assustava ninguém. Sentava-se-lhe à cabeceira, sorria, dizia-lhe numa carícia de voz ciciada:— “Cumpro a minha promessa, venho despedir-me!...” — E muito baixo, com uma infinita mágoa de mãe:— “Ah, custa-me muito deixar a minha Juliana! É a mais nova... E não lh'a poder entregar!...” — Levantando-se, desvaneceu-se silenciosamente num raio de luar que vinha pela janela mal fechada.

Ela olhava, olhava ainda, procurando na solidão do quarto a imagem da irmã, que lhe aparecia tal qual era e tão diferente do que fora! Só a voz era a mesma. De resto — quase a não poderia reconhecer nessa ligeira sombra vestida à moda do tempo, tão diferente daquela em que a deixara: a cinta muito comprida, a saia de largo balão, o *fechu* de rendas que aconchegava com a mão esguia, muito fina, ao pescoço nu!

Era ela, bem certo que era ela!... A cor do vestido ficou-lhe bem nítida na memória — azul pálido, quase prateado...

Os soluços sufocavam-na, chorava sem consolação a amada morta que se viera despedir a tantas léguas de distância!

Foi em vão que o marido a quis convencer a esperar notícias. Ele escreveu logo confiando em que a resposta à sua carta a tiraria daquela tristíssima impressão... Para ela é que não havia dúvida possível!

E a fatal notícia — que a morta viera trazer numa noite de luar tão branca como a santa amizade que as ligara — só passados seis meses era confirmada por cartas vindas de Goa.— “E na última hora, minha querida tia, a minha mãe falava em V. Ex.^a...”

É bem dolorosamente triste essa pequenina carta em letra miudinha, de míope, frágil como o coração da pobre órfã abandonada tão longe dos seus! — Família talvez em França, de onde era o pai, família em Macau, família em Portugal... Em Goa, eles sós! Como é triste essa carta, triste a fazer mal! Pobre pequena carta que eu guardarei eternamente — a lembrar as vagas, esparsas tristezas de exilada que me andam na alma...

E mais tarde, morta a minha avó rodeada de filhos e netos, feliz na serenidade do seu lar, que ela soube sempre fazer tão querido,— a que longínquos países iria a sua alma peregrinar em amorosa despedida a algum dos seus?!...

